

SÃO FRANCISCO *MEU DESTINO*

lendas e contos de rio e de beira-rio
seguidos de cantório, falatório e gestuário
em uma cena e um ato



Carlos
Rodrigues
Brandão

*Como se entra no Tao?
Ouves o rumor do rio?
É claro, Mestre.
Essa é a porta.*

Conversa zen

*Rapidamente surgiu e se espalhou ao meu redor a paz e a alegria
o conhecimento que perpassa toda a arte
e todo o argumento da terra;
e sei que a mão de Deus
é a minha própria mão mais venha.,
e sei que o espírito de Deus é meu irmão mais velho...*

Walt Witman

*estas lendas e estes contos de rio e de beira-rio são para as
gentes de lá,
beiradeiras do Rio São Francisco.
E são também para o povo do bordado, tecedor do afeto e da
beleza, nascido em Pirapora, onde o rio primeiro salta
corredeiras e depois navega canoas, barcos e vapores:
Antônia, Ângela, Marilu, Marta, Sávia e Demóstenes.*

roteiro do rio

esses escritos de beira-rio

rio da memória

meu patrão, seus amores

meu avô encantado

o sonho das aves

o aguadeiro de estrelas

a cachoeira de rio acima

caboclo das águas

o sino, o sineiro

a fonte da moça

a espera do claro

o canoeiro

o menino, francisco

memória do rio

esses escritos de beira-rio

Se todo o livro deve ser uma viagem, este deverá ser duas.

Uma, a que eu fiz, a que fizemos, junto, pelo Rio São Francisco. Outra, a sua, espero, pelas mesmas águas e outras, ao ler o que irá ver de duas ou três páginas em diante.

Durante vinte e um dias navegamos, encalhamos, embarcamos e desembarcamos São Francisco rio abaixo, entre Pirapora, em Minas Gerais, onde há belas corredeiras antes de o rio virar caminho manso rumo à Bahia e ao Nordeste, e Penedo, pouco antes de onde o rio encontra, enfim, o rio dos rios - o mar. Água salgada sempre foi doce um dia. A vida também?

Vivemos a nossa viagem, uma equipe de músicos e outros artistas, escritores, mulheres bordadeiras, viajeiros com rumo e sem ele mais a gente da *Barca Manga*, levada conosco rio abaixo pelo empurrador *Santa Helena*, ambos. Coisas, cenários, seres e pessoas de uma querida saudosa memória.

Parte do projeto da viagem era a própria viagem. Em tempos de rio seco, entre dias de navegar e encalhar, inventamos, juntos, uma vida a bordo. Uma vida de alguns dias, efêmera e demorada, portanto criativa e solidária. Ali partilhamos os planos de trabalho nas cidades por onde estivemos em Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas - o Brasil do São Francisco. E ali conversamos sonhos e sonhamos, a noite, as boas conversas do dia. E ali, banhados do sol do sertão e do vento forte do rio, cantamos, celebramos e... escrevemos.

Este livro começou logo no primeiro dia da viagem. Rascunhado a mão, parte do que escrevi por inteiro ou esbocei apenas foi, às vezes, antes conversado com alguém durante um almoço ou um pôr de sol. Outros contos foram escritos mais tarde, já muito longe da barca e do rio. A pequenina peça séria e bricalhona, que encerra o livro, foi primeiro escrita no nosso "Diário da Barca". Ele era um caderno de muitas folhas grandes, onde se deixava, por escrito ou em desenho, do que se desejava, o que se queria dizer a si mesmo, a nós ou a outros. De vez em quando, um mesmo escrito ia ganhando várias mãos.

Devo dizer que tanto no caso da peça, das lendas e dos contos de viagem quanto nos de depois da volta, quis fazer apenas algumas pequenas revisões de praxe. Aqui e ali, relendo os meus escritos de navegante, feitos em um caderno e soprados do vento que nos expulsava do andar de cima da barca em alguns momentos, acrescentei ou retirei alguma pouca coisa. Quis dar, a estes breves contos, a estas quase lendas e ao nosso teatro de bordo, o ar e o estilo desses escritos saídos do primeiro papel que os recebe quase prontos. E viram um livro sem a dádiva ou o dever do tempo de se rever a fundo, de corrigir com esmero, de

reescrever tudo ou algumas passagens e, até mesmo, de jogar fora o que se fez, para esquecer, ou para começar outra vez, como, de vez em quando, uma literatura séria bem merece.

Em um primeiro momento, desejei apenas transformar em lenda re-inventada ou em conto breve os casos e “causos” que ia ouvindo em nossa barca barranqueira. Ou o que escutava das muitas pessoas que fomos encontrando de Pirapora a Penedo, em cidades cujos nomes, tornados desde então inapagáveis, eu quero escrever aqui: *Pirapora, São Romão, São Francisco, Januária, Bom Jesus da Lapa, Paratinga, Barra, Juazeiro, Petrolina, Propriá e Penedo.*

Depois, ainda durante os dias da viagem de julho, resolvi que não, pelo menos não inteiramente. Assim eu trouxe, para cenários do São Francisco, suas beiras, seus sertões e seus gerais, algumas lembranças de outras lendas e de outras histórias lidas ou ouvidas há muito tempo. Ou a memória de contos, guardada dentro de não sei que lugar de mim mesmo, para virar isto que se lerá adiante, algum dia.

Por isso os contos e as lendas deste *São Francisco Meu Destino* são desiguais.

Alguns, algumas, como “Meu Avô, Encantado” e “Caboclo das Águas”, são histórias do lugar e ficarão estranhas fora do São Francisco. Outros, e serão quase todos, são histórias da vida das pessoas e de outros seres da vida, que bem poderiam ser vividas em qualquer outro lugar onde houvesse um rio e onde houvesse gente de um lado e do outro das suas duas margens. Duas? E a terceira?

Um certo tom, voltado quase sempre ao que acontece, ao que poderia acontecer, ou ao que sonho que deveria acontecer nas trocas de amor e de fúria entre os homens e o mundo natural – de que somos a fração mais ativamente consciente e a mais terrível –, corre por conta do clima e da razão de ser da própria viagem que vivemos juntos. Uma viagem em que sempre a questão da vida do Rio São Francisco era o mote e o tom de tudo. E que, entre nós e para os outros, tomou, por isso mesmo, este nome: ***Caminho das Águas.***

Se, aqui e ali, repito alguns temas e exagero imagens e palavras, que o motivo do enlace desejado entre a literatura e a questão ambiental possa ser uma boa razão.

Não há de ser neste livro a primeira vez em que alguns personagens dos sertões do Norte aparecem revestidos de uma aura de pequenos heróis amorosos de árvores e chuvas, de peixes e flores, de pessoas e rios. Da própria vida, portanto. E, sendo assim, eles sejam bem-vindos em sua vida, leitor amigo, leitora amiga, tanto quanto foram na minha. Tanto quanto são ainda agora, ao lembrar de alguns deles e ao criar outros, viventes, como todos nós, afinal, em algum lugar, em qualquer lugar

dos misteriosos mundos de rio e beira-rio, que são, mesmo longe de suas margens, a nossa casa e caminho.

uma boa viagem ...



*Rio São Francisco, inverno de 1999.
Rosa dos Ventos, outono de 2000.*

Rrio da memória

Nasci me lembrando. Deu de nunca esquecer.

De outros rios grandes, como eu conheço a notícia, mas não sei a história. Sei dizer que muito adiante, muitos dias e muitas terras abaixo, um grande lago de águas amargas nos reúne. E ali, no final da viagem de todos nós, somos, todos, ele.

Mas desses rios menores, esse rios que, pelos dois lados de meu caminho, me trazem as suas águas quando a viagem deles termina, desses eu sei. Mas sei pouco, porque, quando deságuam em mim, mal resumem, de mal lembrados, as suas lembranças de viagem. Como os homens que nos viajam, eles esquecem, lembram pouco. Me entregam águas mudas, quase sem as imagens dos rostos do mundo dos sertões e dos gerais por onde andaram. Quase sem as palavras da língua da fala dos humanos e dos outros viventes e da língua que é a nossa e que, entre nós, rios, gostamos de murmurar. Depois é o nosso destino comum, e, mal se misturam os seus janeiros, somos um.

Eu não. Aprendi com a minha fonte a não esquecer. Assim, eu aprendi que sou as águas claras, infinitas, porque a cada instante sou cada gota de mim e sou todas elas. E se sou água que vai, sou todas as águas e, assim sendo, sou uma parte e sou o todo de tudo o que há. Das serras onde estou sempre nascendo, desço e vou, viajo: é o meu destino.

De onde eu venho vindo, não esqueço coisa alguma do caminho. Agora que, aqui por onde estou passando enquanto conto a vocês isto, já sou um rio largo, e, de uma margem de mim, se vê longe a outra, ainda gosto de lembrar a primeira gotinha que foi em uma manhã. Pois todo o rio começa de uma primeira gota que, logo, a muitas outras se reúne. Pois, mal nascido lá das terras altas de onde eu venho, já eu era muitas e já cantava com as outras a minha canção saltitante de riachinho, descendo ligeiro entre areias, entre pedras. Vindo e lutando tal como os outros rios meninos, para não ser tragado de novo pelo pó do seco, o maior medo de todos nós, rios-crianças.

Pois digam: o que é um rio? Os pássaros que bebem minhas águas, ou que voam em julho por cima de mim, caminhos do Norte, sabem muito bem quem eles são. Sabem onde começam e onde acabam. Estendem as asas e dizem: *Depois delas é o mundo, minha casa*. Os homens que também bebem de mim, que pescam os meus peixes e, às vezes, me navegam, esses têm muitas dúvidas. Não sabem

bem de onde eles vêm, nem para onde vão. Não sabem onde começam, nem onde acabam. Falam muito, lembram pouco. Fazem muitas perguntas e acham poucas respostas. Por isso estão sempre inquietos e parece que sobram dos seus corpos. Às vezes nos represam, rios de lagos tristes, como se buscassem em nós as suas almas.

Digam: o que é um rio? Ele está, como eu estou, em cada gota de seu leite, em cada lugar de sua viagem? Ou ele é todas elas, mas nunca está inteiramente em nenhuma. Eu, que lembro a cada instante a primeira gota de quem sou, sou uma primeira gota a cada instante. Estou aqui, ainda tão longe do meu mar e, a todo o momento, chegando a ele. Assim, nasço, viajo e me acabo para ser todas as águas todo o tempo. Sina dos rios: estar em toda a parte da sua viagem e não estar por muito tempo em nenhuma.

Um rio é também a estrada do caminho por onde ele passa cada vez e sempre, que ele escava noite e dia com a lixa das mãos d'água. Às vezes manso, com desejos de lago, outras vezes bravo, como quem tem pressa de chegar e, ao mesmo tempo, ama e foge em busca do quê? sempre adiante. Um rio como eu é e não é as duas margens onde começam e acabam os seus lados do mundo. Nas minhas havia, o tempo todo, grandes matas verdes de folhas e de passarinhos. Eles cantavam de manhã cedo e a tardinha, e era o tempo em que eu fui mais feliz. Hoje eu viajo entre tantos desertos... Quem, no mundo, é mais fiel e mais solitário do que um rio?

Mas nem tanto, pois eu, rio de memória, me lembro de ser mais. Um rio tem fim? Se eu sou as minha águas, em que lugar de mim estou agora? Quando, debaixo do sol do sertão, as minhas gotas evaporam e sobem pelo ar do céu, eu vou nelas e sou como um pássaro de brumas; e vou e vôo, e ninguém vê. Assim, entre o leite, a água e o ar, eu sou, ao mesmo tempo, o ninho, a ave e o vôo. E sou essas nuvens que, de vez em quando, vêm espiar no espelho dos meus verdes os seus rostos ora brancos, ora escuros, ora quase o negro de quando troveja, e raia, e os ventos derramam grandes aguaceiros.

Pois quando chovem as águas do céu, não sou eu, elas? Gosto de ser chuva, porque é quando o rio volta ao rio, e a terra me bebe, e, da semente de outubro, sai a planta. Tudo recomeça mais uma vez. Vejam. É dos lados de fora do meu caminho rio abaixo que eu gosto mesmo de cair também, chuva de dezembro, em cima dos secos do sertão. Triste é quando passa tanto tempo sem que, da imensidão dos ares, chovam as águas da terra por onde todo o verde da vida reverdece! É quando eu

mesmo minguo e corro raso entre as minhas pedras, triste, como alguém que vai morrendo... devagarinho.

Mas há outras vezes.

Quando, em alguns janeiros, as águas das chuvas são muitas, eu, de repente, amarelo a cor do corpo, apresso a viagem e me animo a subir além dos meus barrancos. Então transbordo e estendo as margens de meus mansos julhos. Redobro o eco de meus urros, e as pessoas de minha beiras fogem de mim. Os bois berram grandes medos, eu arrasto com fúria passageira terras e troncos. Mas, dessas valentias, eu só vivo raros tempos. De costume, sou sem fúrias Os humanos lembram com os números das contas de seus anos. Logo eu volto a paz dos meus remansos.

De resto, rio de lembranças, aprendi com a terra que tudo o que flui faz a vida, mesmo quando morre. Será que a morte é um rio?

Escutem isto.

Uma vez um homem disse a um regato de outras terras, sem saber se ele ouvia, que uma pessoa não entra duas vezes num mesmo rio. Ouvi isso, quando era criança, do rio que foi meu pai. E pensei assim: *Que rio recebe duas vezes nas suas águas uma mesma pessoa?*

Tenho uma alma e sou dela, ela... eu. Mas os rios sabem, mais que os homens, que a alma deles começa antes e vai muito além do que ela, quando imaginam que são só ela. A alma de cada riacho é a mesma de todas as águas. E a alma das águas do mundo é a alma do mundo todo. Sempre. Por isso eu tenho tanto medo de secar e de morrer. Bem sei que, se um dia for assim, na minha morte de rio vou levar a vida de tudo o que existe e viaja em mim. Pelo que eu soube de ouvir as águas que entendem dos homens, eles têm tanto medo do morrer de suas pessoas únicas! Cada um teme a sua morte e, às vezes, chora. Ah! eles deviam saber, como nós, os segredos que a alma da vida nos conta todo o dia.

Cada um de nós vive em tudo, e, em cada morte, um rio carrega os seus vivos. Mas se isso é triste e dói tão mais do que a dor de morrer sozinho, é preciso não esquecer - sempre se está vivo quando ainda não se esqueceu - que a morte de uns é o lugar que se deixa sertão afóra para a vida de outros. Triste é só quando um rio seca, e não há um outro para tomar o seu caminho e correr por ele.

Correr, viajar, chegar ao grande mar não é para nós, rios do mundo, nem partir, nem chegar. Enquanto estamos vivos isso é sempre, e um rio sabe de si mesmo só por estar fluindo sem cessar. Será que os lagos também sonham? Ouvi contar dos rios vindos do Norte e do lado do mar para onde eu vou, que há rios por lá que se

acabam de tempos em tempos. Que secam e cortam, nas épocas de calor e vento, a viagem das suas águas. O que será ser rio nesse lugar?

Gosto de lembrar. Lembram? Eu disse isso faz tempo, quando o lugar de mim que conta isto a vocês estava longe de onde estamos agora. Gosto de lembrar os outros, todos. Essa é a melhor maneira de nunca me esquecer de mim. Quantos passarinhos cantaram hoje aqui, perto de meu leito, esses sertões? Pois eu lembro cada pio de cada um. De um sabiá que soletrou tristezas nas eiras de meus começos, quando eu era ainda um riachinho, desses que uma criança salta deu um pulo. Era o princípio de um fim de tarde e agora eu carrego um canto de sabiá dentro de mim. Levo, por onde eu vou, as imagens e todos os ruídos. Quem chega perto e escuta o meu corpo ouve só os murmúrios de um rio como os outros. Mas, quem encosta, com a calma do amor, o ouvido em minha alma, esse há de ouvir a multidão dos sons de tudo o que foi vida em mim e a minha volta.

Tem horas em que eu quase queria parar para conviver um pouquinho mais com as pessoas que chegam às minhas areias. Como essas mulheres que aparecem de manhã cedo. Elas trazem uma trouxa de roupas na cabeça e, de vez em quando, uma filha nos braços. Gosto quando elas vêm rodeadas de um feixe de filhos, então o trabalho delas é acompanhado de uma festa de corpos de crianças, dentro de minhas águas rasas. Vocês sabem ... todo o rio é meio mãe.

Gosto também dos homens, mais do que eles imaginam. Rios como eu, rios como os rios meus avós e rios meus pais, que corriam pelo mundo muito antes de quando havia a raça dos homens. Foi quando eles vieram que começaram os grandes perigos, pouco a pouco e, agora, cada vez mais. Mas tem horas em que eu penso: *O que seria dos rios sem os humanos?* Gosto deles, mesmo quando queimam as minhas matas e roubam, de mim e da vida por onde vou, as minhas águas. Gosto dos gritos de alegria e também de medo e espanto desses que me navegam e pescam meus peixes. Alguns também me amam, e, de quando em vez, tem até mesmo os que se dão de morrer nas minhas águas.

Vejam só. Há rios que pensam como as pessoas que fazem casas e barcos. É quando dizem que todo o rio morre no mar. Mesmo que fosse, eu nem pensava nisso antes de ser. Afinal, não é coisa de rio imaginar o futuro, tempo da vida que os homens inventaram para nunca ter paz. O mar... que seja. Eu não disse antes que estou chegando a ele a cada momento e estou saindo de minha fonte a cada instante. Não disse que percorro cada lugar de meu caminho e sou esse estar aí, sem cessar? Pois então.

Nada. Se a terra me cria, eu sou a terra, se o mar me envolve, eu sou o mar. Uma folha de gameleira caída em mim já sou eu e sou a lembrança dela em mim e de toda a árvore de onde veio. Se tudo se entrelaça todo o tempo, então, carregando comigo as minhas águas e o que viaja nelas entre a serra e o mar, eu carrego o todo de tudo. Sim, eu sei, eu lembro... e sou levado, como uma folha, como uma ave, pelo mesmo fluir que tudo abraça e faz o que existe ser e mudar o tempo todo. Tudo é rio.

Não esqueço o que não posso. E agora que eu contei, e vocês me ouviram, digam: *Quem, eu ou vocês, é rio?*

E se eu, que narrei essas memórias de rio, viajo e vou sertão abaixo... e se vocês, que me ouviram durante o trecho em que seguimos juntos, um momento do destino das nossas errâncias, agora vão e seguem os seus caminhos, não seremos viajeros e andantes à procura de algo adiante, a mesma coisa? Não?

Meu patrão, seus amores

Se soube entre nós que o nosso patrão estava começando a variar, quando um dos nossos, o que cuidava de uma plantação de arroz na várzea de beira-rio, foi saber dele como fazer para espantar os patos, que, com um pouco mais, iriam acabar com quase todo o arroz granado. Ele respondeu: *isso é assunto de bicho com planta. Que eles se entendam!* Quando o homem dos nossos insistiu e disse que a lavoura deu trabalho, custou caro e agora prometia uma colheita, como faz tempo não se via, ele disse de novo: *Uma parte é nossa, é a que nos cabe. A outra é dos outros viventes. Os patos do céu, já havia por aqui muito antes da gente. Plantamos pra nós, plantamos pra eles.*

O homem foi, e se colheu bem menos do que devia ter sido. Tanto trabalho para tão pouco. Os patos comeram à farta, depois voaram para longe, ares do Norte, lagoas de Oeste.

Ele foi sempre um homem rico. Herdou muitas terras de pai, alto fazendeiro nesses Gerais. Eram poucos irmãos, e os outros dois nunca se ligaram a assuntos da terra. Meu patrão acabou comprando as partes deles e ficou com toda a velha fazenda só para ele. Quer dizer, para ele, e para todos, e tudo o mais. Nós, nossa gente que trabalhamos fiéis aqui, anos a fio, e os bichos, e as plantas, e tudo o que vinha e aqui estava. Era assim.

A esposa era ainda mais como ele mesmo. Uma mulher morena, simples e até professora. Quando veio, mocinha ainda, não quis ficar de só esposa de fazendeiro de posses e mãe de filhos que ainda haviam de nascer. Mandou arrumar uma casa abandonada e abriu ali a primeira escola que se viu nesses ermos, por aqui, beiras fundas de Minas. Dava aulas todas as manhãs e enviou recado às mães da vizinhança: que criança em idade de ler e menino algum ficasse sem estudo. Passou um tempinho, e resolveu abrir aula para gente adulta, eirada, como eu ia ficando, quando tudo isso começou a acontecer. Que viesse estudar quem quisesse. Que o saber é sempre bom, e há mais valia em aprender a ler-e-escrever, do que ficar bestando em beira de rio. Primeiro se achou tudo aquilo muito fora dos usos. Mas, depois, alguns dos nossos, eu no meio, começamos a ir duas noites na semana e na manhã do sábado, a fim de aprender essas coisas. O que eu soube para escrever isto que escrevo foi com ela. Tinha o nome de Maria Teresa, e não havia por perto, dentro

e fora das terras da fazenda Santa Emília, pessoa ou família com precisão que ela não fosse visitar para acudir.

Viveu um tempo de paz entre nós, por aqui. Criou três filhas que cresceram, casaram, foram de vez para a cidade e deram netos ao meu patrão. Quando morreu, nem tão velha assim e de um coração tão santo, meu patrão não quis ficar triste e disse a todos que não era para chorar. Quando se levou o corpo ao cemitério, fomos todos mais a gente da vizinhança, alguns parentes de perto, de mais longe, as filhas, os maridos e os filhos. Então foi quando, antes de se vir de volta, ele disse: *Quem viveu morre, e quem morreu está em algum outro lugar mais claro do que aqui. Ela foi quem foi e, só porque partiu, não vai sair de perto de nós todos. Vamos embora gente, ainda há muito trabalho pra hoje.* E mandou vir da cidade uma moça professora para continuar as aulas dela na escola da fazenda.

Nunca vi esse homem chorar a morte da mulher. Mas, por dentro dele, que aconteceu que, de pouco a pouquinho, o que já era dele tão diverso dos outros foi ficando mais diverso ainda? Pois o meu patrão era diferente dos outros por aqui. Não criava gado, fora umas vaquinhas curraleiras para o leite de todos. Também nós, cada um na sua casa, entre os casados, podíamos criar os nossos bichos: uma, duas vacas de leite, duas ou três leitoas, um punhadinho de aves de quintal. Quem pudesse que não matasse, pois, como nós, aqueles eram os viventes de Deus e mereciam a vida farta e a morte na velhice. Toda a gente da fazenda achava estranho, era tudo tão fora dos costumes... Com o tempo foi sendo assim. Se criava, se bebia e vendia o leite. As mulheres faziam queijos, e se ia vender na feira. Os bichos machos, ele vendia, e a nossa parte, dos que criavam, se vendia também. Ficavam os galos para as galinhas chocarem ovos. Com o tempo toda a gente nossa parou de criar porcos para matar e comer. Quem queria comprava a carne. Mas, de repente, dela quase ninguém comia por aqui.

O que é bom pra vida e é gosto da boca é verde e vem das plantas, meu patrão gostava de dizer. Do que era semeado, se cuidava e se colhia, havia mais em nossa fazenda do que em todas as outras. Plantava-se de todas as roças de costume: o feijão e o milho, a mandioca e as abóboras, as culturas da horta e tudo o que era de pomar. Ele trouxe, de longe, um moço engenheiro de lidar com a terra. E se aprendeu a cultivar o que não era usado por aqui. Com o passar dos anos, a fazenda do meu patrão foi virando um jardim, desses onde até Deus poderia vir e dizer: *Todo o lugar é minha morada. Mas aqui é um pouquinho mais.*

As matas eram muitas. Os outros donos andaram derrubando e queimando. Cada agosto era de ver as fumaças escurecendo os céus, os fogos do inferno ao redor de tudo, incendiando, sem serventia, as árvores, os ninhos das aves e os restos da vida. Tanto verde virado em cinza, só para abrir pastagem para um punhado de gado. Meu patrão não. Ele dizia: *O que ainda é mato é pra ficar pra sempre. Há que cuidar do que já existe e há que semear o que ainda vai haver! A gente não herda a terra dos que já se foram. A gente toma ela emprestada dos que ainda haverão de vir por aí.*

Ele dizia e mandava fazer. Punha a peonada, de outubro a janeiro, a visitar os matos, vejam só. Se ia de enxada e foice corrigir tudo o que houvesse: uma árvore caída por cima de outras; uma outra precisando de escora; uma beira pobre de árvores de rio ou de riacho, dos muitos que corriam por esse lugar. Já se ia a tropa inteira de todos nós. E se acudia e se plantava. A gente cuidava do que crescia, e o que era mata, com o tempo, virava mataria. As terras que davam lavoura um ano, outro tanto tempo de ano repousavam. As mais cansadas de servir, ele deixava soltas no tempo, ariscas de arado, sem nada de comer, crescendo só o que a natureza houvesse por bem fazer nascer.

É preciso perguntar a ela, e ele apontava com o dedo a terra, e *ouvir atento*. *A terra fala*, ele dizia, e *quem escuta aprende*. Falava pouco o meu patrão, mas, dessas coisas, gostava de falar bastante. Pregava, às vezes, a nós e aos outros que vinham, visitantes. Parecia padre. Queria que houvesse, em toda a parte, por tudo, um amor completo. Mas essa palavra mesmo ele quase não dizia. Gestava... gestuava dele todo o dia.

Os bichos do mato, ele proibiu que se matassem, de qualquer espécie. *Mesmo as cobras ruins?* perguntei. E ele: *Mesmo as cobras!* me disse. *Pois se elas acabam, quem vai tirar da terra o veneno do mundo?* Uma vez mandou vir um benzedor de pasto, conhecido em toda a região. Mas não pediu a ele que mandasse embora as cobras, como se fazia. Dissesse a elas que poderiam ficar em paz, que não ofendessem ninguém dali nem os bichos de criação. O homem quase não entendeu. Mas gostou e fez como pôde. Não me lembro nunca de que bicho ou gente dos nossos tivesse sido ofendido por cobra.

Cada quem da fazenda tinha de seu uso o seu pedaço de chão. Casado e pai de filhos, mais. Os solteiros, um pouco menos. E veio, e ele aboliu o pago na meia. Pagava o justo pelo nosso trabalho. O que cada um plantava e colhia na parte de terra

de seu uso era dele, dos seus. *O fruto do trabalho é de quem trabalha*, ele dizia. *Eu não sou dono de nada. Por algum tempo eu sou só o guardião disso por aqui.*

Com o passar dos anos, foi ficando velho, mas quase nem parecia. Se mais triste depois da morte da mulher, eu nunca soube. Eu, um dos nossos mais chegados a ele. Foi ficando mais sozinho, mais quieto e pensativo. Se trancava dias e dias, lá com uns livros dele. Lia até noite alta. Por quê? Para quê? Vigiava o serviço de longe e dizia: *Cada um sabe o de seu*. E se fazia.

Um dia vestiu roupa de domingo e foi à cidade. Quatro dias depois, voltou com as filhas, e os genros, e uns homens com seus aparelhos de medir o mundo. Eles ficaram por aqui uma semana inteira. E se mediu e re-mediou. E se conversou e discutiu. Ao cabo desse tempo, foram embora os homens, e foram embora as moças com os maridos. Sorridentes e falantes. Na noite antes de irem, o velho fez fazer festa, e se ficou na sala da casa grande até altas horas. Viemos alguns dos nossos que ele convidou.

Quando se foram, o velho veio, reuniu nossa gente. Então disse que ia embora.

A parte das terras das filhas, ele deu a elas, já era delas. Se iriam continuar como ele fez, não sabia, mas pediu que assim fosse. Na hora de sair, a mais velha disse: *Bom, que seja, pai*. E foram. A outra parte, ele e elas concordaram que fosse de todos nós. Do que eu sempre soube de ser daqui dessas beiras de rio grande, essa haveria de ser a primeira vez que era assim. Que uma terra de um homem rico se dividia entre os outros fora da família. Ele não disse nada. De frente para nós todos, os homens do trabalho e as mulheres que vieram ouvir, ele disse só que devia ser assim. Pois quem trabalha por tanto tempo a terra onde viveu devia ficar, um dia, com ela, pois o preço da compra já estava de muito pago com o que fez. Era assim.

Alguns entenderam, outros não, mas entre nós todos gostaram de tudo o que ouviram, menos da notícia da partida dele. Uma outra semana se gastou para resolver com quem ficava o quê. Foi quando o velho sugeriu que uma parte grande das terras ficasse de posse em comum. *Por que dividir o que produz tão mais com a mão de todos, como sempre foi por aqui?* Ele perguntou como quem já sabe a resposta e ordena o preceito.

Depois que tudo foi dividido, e, diante dele, as regras da vida da nossa gente foram ditas entre nós, ele disse: *Agora está feito, amanhã eu vou*.

Para mim, separado dos outros, a manhã seguinte haveria de ser a do maior espanto ainda. Pois ele me chamou enquanto arreava o seu cavalo. E eu vi que

levava tão pouco do que teve na vida, que eu quis perguntar: *Mas, de seu, tem tanto lá dentro da casa, patrão. O senhor vai levar só isso, essas coisinhas de vida de beato? Ele me olhou com ternura e disse: O que era pra ser meu já foi por tempo demais. Agora isso me basta e já é muito.*

Depois, para meu espanto, para meu susto, ele apontou, com o dedo, o mundo e me disse de novo: *Justino - o meu nome -, você ajunte as suas coisas, arreie um cavalo bom, de sua escolha, e venha comigo. Pra onde, patrão?, eu perguntei, como quem ainda não quer crer. E ele: Por aí, o mundo é pouco pra nós dois.*

E desde então eu fui. Eu que agora, homem eirado, sigo sozinho a sina da missão de meu patrão. Faz sete meses eu voltei na fazenda que era dele e é da nossa gente, a fim de enterrar o corpo dele ao lado do da mulher. Viajamos juntos essas beiras de São Francisco uma vida e meia. Pra onde? Eu nunca sabia, nem ele. *Qualquer rumo é o nosso, Justino, Qualquer canto tem gente e sofrimento.*

E a gente ia. Como fora antes o costume dos beatos. Como um conselheiro, ele ia a cavalo, viajava e pregava o seu ofício. Íamos os dois, um homem de um imenso saber e o seu aprendiz de nunca saber tanto. Meu patrão se fez um pregador dessas estranhas outras crenças. Seu deus era tudo. Seu amor era todos. Chegava aos lugares, pedia pouso. Reunia quem quisesse ouvir e falava de como o mundo podia ser, aqui mesmo, agora e de agora em diante, se todo o mundo fosse como deveria. Falava para os outros o mesmo que sempre dizia para nós. Que tudo o que há é sagrado, que a gente não somos donos do mundo, mas irmãos da vida. Que se podia viver regalado, tratando da terra de uma outra carinhosa maneira de moça mãe. Que Deus estava sempre criando de novo o que os homens teimavam em destruir. Que isso, que aquilo. E era assim.

Alguns gostavam, faziam perguntas. Como podia ser de um jeito diverso de como era? Meu patrão explicava. Eu ouvia tudo, como se fosse de então a primeira vez. Outros não, saíam de perto. Tachavam de doido o meu patrão e davam risada. Mas, como nós fomos, seguimos.

Até quando veio o tempo de ele morrer. Foi num dia de quase véspera de Santos Reis, e um outro ano mal havia começado. Ele me chamou e nem pareceu doente nem nada, pois a vida inteira eu nunca havia visto um velho tão rijo e tão voltado de frente para o tempo. Ele me disse, sentado em volta da mesa da casa onde nos deram pousada, só nós dois na cozinha: *Hoje nós não vamos. Eu fico aqui, aqui é*

o meu fim de caminho agora. Você vá se quiser, siga o que eu fiz. Mas, se não, volte lá pra fazenda. Volte pros seus. Lá.

E como quem fala que vai à feira e volta logo, ele disse aos da casa que queria morrer ali, que não tivessem cuidado, que não era preciso nem médico nem padre. Que o médico não o salvasse de uma morte que ele agora bem queria. Era o seu tempo. Que os da casa dissessem algumas orações do lugar, quando ele morresse. E que me ajudassem a levar o corpo até de volta ao lugar de onde ele veio. E, por acaso, nem tão longe não era, pois não distava nem bem dia e meio de viagem a cavalo.

Aconteceu então assim. Sem gemido de dor e sem ar de triste, o velho se findou. Quando ficamos juntos uma última vez, ele, de novo, não disse quase coisa alguma. Entre nós se falava pouco, se entendia muito. Mas eu quis perguntar: *Meu patrão, será que vale continuar nessa cruzada toda? Será que isso teve valia? O povo do mundo não continua a maltratar o mundo do mesmo jeito? Será que um alguém ao menos acreditou em nós, senhor meu patrão?*

E ele só me respondeu isso, com um olhar de bondade que era seu, e tanto: *Justino, você sinta, você julgue. O que é pra ser feito quando eu me for, só o seu coração vai saber contar. Depois, tudo é um só. E se todos os caminhos levam a gente ao mesmo lugar, por que não escolher o caminho do amor? Um qualquer ...* E foi quando ele falou essa palavra rara. E calou, e morreu, e não disse mais nada.

Quando eu voltei, e se soube, veio toda a gente. No terreiro da frente da casa, se fez um grande círculo, como nunca houve nem vai haver por ali. Tantos anos depois eu revia a minha gente e abracei muitos, as lágrimas quase nos olhos. Rezamos todas as orações sabidas pela alma do velho meu patrão, meu amigo. Depois levamos o corpo para pôr ao lado de onde a esposa, nossa professora, estava. Ali se ficou à roda dos dois, e, de repente, pareceu que ninguém queria ir embora. Quando fomos, todos juntos, o céu de janeiro armou uma chuva forte, mas mansa e doce, sem raios e sem trovoada alguma.

Não falei a ninguém do meu povo sobre os meus planos. Eu mesmo não sabia o que fazer, para onde ir ou ficar. Mas, uma noite, antes da missa dos sete dias, eu sonhei um sonho. Meu patrão vinha pelo seu caminho e ia de algum lugar a um outro, como sempre, sem rumo, deixando que o acaso da estrada dissesse aonde. Onde era isso que eu sonhava? onde? E vinha no seu cavalo, vestido da mesma roupa, com o mesmo chapéu de largas palhas na cabeça. E vinha e trazia pela mão a rédea do meu cavalo arreado, com a sela vazia. Então, antes de sumir numa curva, ele parou e

olhou demorado para trás, como se à espera de alguém que vinha e não vinha. Foi esse o sonho.

No dia seguinte reuni as pouquinhas coisas que aprendi a levar comigo. Montei no cavalo e, antes de a minha gente acordar, fui embora. Para onde? Nem eu sabia. Qualquer rumo de um lugar qualquer, onde houvesse gente a quem falar o que ouvi ele dizer tantas vezes.

Se eu vou saber, não sei. Mas, como ele, eu fui, eu vim.

Meu avô, encantado

Meu avô, gente dessas beiras d'água, quando era bem menino, como eu ainda sou agora, viajou no vapor. Foi um deslumbramento, e eu cresci ouvindo ele contar e recontar como foi. Viajou uma vez só, agora está velho. O meu pai disse que o meu avô vai morrer. A mãe chora, o pai consola. Me disse que ele não alcança a Lua Cheia de agosto. Estamos em agosto.

Somos uma gente desse rio. Quando o avô de meu avô nasceu, já era por aqui. Um “povo dos Bento”, naçãozinha de gente pobre que pesca, planta, que espera. Meu nome é Francisco, como o meu avô que agora dorme nessa cama de pau rolado, e eu vigio. Chico Bento, assim nos chamam. E ele para mim, *Fio*, às vezes. Pois meu avô é um dos Bento vindo para aqui bem antes de mim e de outros Bento de nossa gente. E vai partir, e ele sabe, e não sabe, e me diz, nós dois sozinhos: *Eu vou, Fio, mas a viagem minha é outra, só eu sei, e, agora, você.* Meu avô, Francisco Bento.

Ele dizia coisas e, na febrezinha da noite, tremia, delirava. Falava assim, aos quase gritos: *O vapor! o vapor ...ele evém!* E, sabem? Abria os olhos, me olhava, me sorria. Meu avô. Mas meu pai é nascido Manuel Bento, Neco Bento. Um homem sereno, pai de quatro filhas e de quatro filhos. Fui o mais moço dos oito, e, deles, seis vieram para me ouvir contar o que houve. Não creram no que ouviram.

Agora passaram os dias, e a Cheia de agosto já é Minguante. Tempo de cortar madeiras. Meu irmão do meio, Benedito, Dito Bento, virou a cara pra mim. Disse para os outros que eu minto, invento lorotas. Minha outra irmã, Maria, diz que é pecado, ainda mais sendo sobre o vô. Mas contei a eles o que aconteceu naquela noite. Contei o que eu vi e não vi, já nem sei. Mas foi assim.

Meu avô Francisco - que o bom Deus o tenha, ou o rio... eu já nem sei - partiu de nós, morreu, encantou-se faz sete dias. Hoje mesmo, como o padre de Januária vem de raro em raro, rezamos na casa e depois no cemitério do povoado uma braçada de orações por ele. A velha Teresa puxava um terço. A mãe, serena, rezava, e as irmãs choravam. Eu, não. Rezei, no entanto, o responso das ave-marias, mas quis pensar: *Pra quê?, se lá por onde ele navega já é luz?*

Quando o avô, homem rijo a vida toda, pau de aroeira vermelha, caiu de cama, se soube que ele ia morrer: o pai, Manoel, a mãe, Maria da Purificação, a Vó Joana, mãe do pai, que morava com a gente, mais a tropinha dos filhos, quatro irmãs, três

irmãos mais eu, o menorzinho dos homens, o último de todos. Pouco se falava disso, mas entre nós se sabia. Menos ele, o vô Bento.

Deitado, ofegante, mas, como quem navega, do alto da cama, comandava: *Na hora de ir, eu quero a minha melhor roupa! Morrer é pros outros, pra quem quer. Eu, não! Vocês saibam. Um navio tá vindo me buscar: o vapor encantado.*

Delirava, se dizia. Os trejeitos da morte, esses sonhos. Dizia isso de quando em vez, de muitos modos. Com as mãos compridas, fazia desenhos no ar, apontava longes. Dizia gestos. Depois adormecia como quem viaja. Meu avô Chico Bento. Serenava as horas da agonia. Tinha dores? Sofria? Nunca se soube. Queixava de nada e, menos do que tudo, não gostava de tomar remédio nenhum. *Pra quê?* dizia. *Eu tô mesmo em beiras de viagem.* Quando, da salinha da casa, a mãe falou pro pai buscar médico em Januária, ele gritou da cama: *Melhor não vir! Se vier, sai a porrete. Vocês acham ...* A lenta agonia.

E foi.

Já quase quando se sabia que a hora dele era por pouco, uma madrugada, antes de o pai mais os irmãos saírem de enxada e cuia para a roça de milho e de feijão, o avô, de novo de repente, gritou da cama, lá de dentro do escuro: *E vocês pensam que eu nasci pra ir morar num buraco no oco da terra?* Eu não disse nada. *Vocês hão de ver, e quem vier pra ver.* Eu não disse nada. *Vai vir pelo rio um navio grande. Ele vai me levar, vocês vão ver.* E eu não disse nada. *Um navio de luz, rio abaixo, e eu na luz!* Daí eu disse - chorava: *Vô, vô Bento! Eu vou com o senhor, nós vamos juntos, vô!* Ele tomou minha mão, sorriu. Me disse: *Você fique. Quando for a sua hora, eu volto...* Rimos juntos. Os homens da casa tinham saído para o primeiro claro daquele dia. Ficamos ele e eu no quarto, na casa do reino das mulheres. Minha mãe, crescida tão contente, rainha de formosura nas rodas do São Gonçalo, reinava triste na casa, à beira do São Francisco, chorava sem barulhos pelos cantos da casa. Eu cria. Queria crer.

Foi quando, por aqueles dias, eu larguei mão de sair fora, fazer sozinho as minhas brincadeiras de menino menorzinho: bulir com os bichos da casa, correr no rastro das galinhas, amontar num bode velho que não se tinha mais coragem de matar para comer, trepar na mangueira alta, do lado da casa, avistar o rio longe, dum lado e do outro. Brincar de navegante na beira das águas com meus barquinhos de madeira velha. Fantasiar sonhozinhos. Eu era um príncipe e, no meu cavalo, viajava o mundo. Matava os dragões malvados e salvava uma princesa. Eu, menino, navegava.

Eu, gentezinha dessas beiras. Não ia. Pois se eu ficasse ali sentado quieto, sentinela vigiante, o vô não havia de morrer nunca. A gente morre é de esquecido, por isso é preciso vigiar de perto o tempo todo. A morte sabe. A morte vinha. Se ela chegasse, eu me armava de coragem. Dizia: *A senhora se enganou de casa. Não é aqui não. Aqui não tem gente nenhuma preparada pra ir com a senhora não!* Falava sereno, falava seguro. Ela fazia que sim. Se corrigia, virava as costas e ia embora, arrependida. O vô recobrava as cores, repontava a saúde e saía da cama. E tudo ia ser de novo bom. Ipê espera para florir em agosto.

E foi quando aconteceu.

Era um Domingo de muito calor, logo cedo. Semanas antes se sabia que ia haver crisma em Januária, com bispo e muita festa. Que as mães e os pais levassem os filhos. Do nosso povinho, havia duas irmãs e um irmão na hora desses ofícios. Se vestiu roupa boa. O pai disse que era para ficar na casa, com o avô, o Júlio, irmão já quase homem, em idades de desejo de moças. Que eu fosse com os outros. Eu disse a ele: *Não, fico com o vô.* E o avô, da cama, rumoroso: *Os outros vão tudo. Fica o Chico.* Se concordou, e o Júlio mais ainda, pois ia ter multidão de moça nova em Januária. O avô havia até melhorado. Da cama, comandava a casa. *E me tragam fumo de rolo e um almanaque,* gritou ainda. Ia acontecer, e não se sabia. Que eu ficasse cuidando até quando, de tardinha, voltassem. Ficamos.

Foram cedinho, no escuro do resto da noite. Foram de a pé até a beira da estrada federal, onde passam caminhões, carros de ricos e o ônibus que havia de levar e trazer a minha gente. Minha mãe levou uma sombrinha. Dizia: *Pro sol é bom, e se vier chuva... nunca se sabe.* Era um agosto de sol rijo. Ficamos os outros: o vô, eu e os bichos. Ele nem agora parecia doente. Sentou na cama, apoiado na parede. Pediu o café do bule e acendeu um toco de cigarro de palha, desses que guardava escondido debaixo do colchão. De repente, cantarolava. Cantei baixinho também. Nós dois sozinhos, a gente duetava. Era um agosto. Fazia o calor daqueles dias e nenhum vento, brisa nenhuma. Os ares do Norte sufocavam o dia.

Saí um momento da casinha para espreitar, lá fora, alguma coisa que ainda ia acontecer. Foi quando, num repente, soprou uma brisa, e ela agitou de leve as águas do rio. Voltei ao quarto do vô. Achei ele sentado na cama. Me viu, sorriu e falou: *É hoje. O quê? Quem? vô,* eu perguntei. Ele não disse nada de volta. Se apoiou nos braços, ergueu o corpo, e, quando dei por nós, meu avô já estava de pé ao meu lado. Tocou o meu ombro, alto e espigado que ele era. *Francisco Bento, me busque minha roupa de missa. Me ajude a me vestir nela. Mas vô, por quê?* Eu perguntava. E ele,

nada. Então fui, obedeci. Ajudei o meu velho a vestir a camisa branca, a calça e o paletó de cor marrom, como terra. *Os sapatos*, ele deu ordens. *Descalço eu não viajo*. Cumpri. Fazer o quê? Vestido, pronto, ele ainda ajeitou, com as mãos mesmo, os cabelos e assentou na beira da cama. *Você vai na porta, vigia. Primeiro vai vir uma grande chuva. O rio cresce. Não tema. Se as águas forem muitas, você me deixe aqui e suba na mangueira, como de seu costume*. Eu tinha medo e comecei a pensar sem dizer alto: *Se o vô diz assim, vai ser assim*. Queria ser forte, e não pude. Menininho do rio, comecei a tremer.

Então desabou, do alto céu, um primeiro raio, desses que cortam de lado os ares. O trovão que veio foi o eco de todos. Vieram muitos depois, raios, trovões de todo o ronco e uma ventania do fim do mundo. Despencou chuva de uma vez, e foi tanta, e foi muita. No meio do trovejo não se via, a não ser a desordem da noite. O rio crescia depressa, sem aviso. Nós dois, ali, sozinhos, no meio do escarcéu. Vi as águas crescendo, ilhando, aos pouquinhos, o lugar da morada, porque de frente ele dava para o rio num barranco até baixo e, por trás, logo nem longe, as terras baixavam e davam numa lagoinha que logo virou mar com o rio crescido.

Na porta do rancho, eu olhava para dentro. Via o vô sentado sereno na beira da cama. Achei até que ele cantarolava de novo. Nem parecia que ele soubesse o que havia. Mas o vô, naquela noite, enxergava o que ainda ia acontecer. Olhava para fora. O mundão de Deus me pareceu entregue ao Demo. Lembrei de rezar a oração de Santa Bárbara que vó Joana comandava na casa em noites de fúria das águas nos marços de beira-rio. O mundo parecia um assombro, e só nós dois ali: o avô velho e doente na cama e eu, um menino molhado de medo.

Lá fora tudo o que já era terrível piorava. As trovoadas do sertão, o carrilhão dos raios, a chuva crescida, o chicote bravo do vento. Voltei as costas àquilo. Entrei de novo no rancho. Fechei a porta, mesmo sabendo que não valia de nada. Se o rio subisse por cima do barranco, inundava tudo, arrancava o rancho da terra e levava nós dois e tudo de roldão, rio abaixo. E o rio crescia. O avô, sereno, segredava: *Aí vêm, evém...* Parecia feliz e me olhava. Sorria e disse: *Fio, deixe a porta aberta e vigie. Se crescer mais, corra pra árvore. Suba alto e vigie, espere, volte outra vez. Hoje é meu tempo, Francisco Bento*.

Fiz como ele disse e já tremia, eu, menininho naquele furor de águas. Mas então, veja só, eu queria perder o medo e, de repente, fui perdendo. Um velho doente era a minha valia. Pela porta aberta, eu vi o rio crescer e subir pelo barranco. As águas já vinham pelo terreiro. Depois, uma primeira manta dela molhou os meus pés

e então, senhora dona da casa, entrou por ela adentro. Voltei ao quarto e sentei na cama, ao lado do vô. *Espia, as águas tão chegando, vô Bento. E ele: Nada, não é pra medo, corra e suba. Me deixe aqui, que o rio cresceu pra me buscar.*

Saí, corri com as águas já na meia perna e cheguei apressado à mangueira. Subi depressa, tão alto como pude. Nem precisava tanto. Daqueles altos, entre os galhos, eu via o que se passava entre os clarões dos raios. O São Francisco virava o mar, que eu nunca vi. Nosso mundo era um pedacinho de ilha, cercado das muitas águas cheias de pressa. A tropelia da noite era muita. Com pouco tempo trovejava menos, trovoava longe. A chuva brava serenava, e o vento da noite virava brisa de novo. Aquela chuva num agosto desse, tempo de seca e ipê florido.

Foi quando eu avistei isso do alto da mangueira. No ir parando os raios, ficou tudo escuro à volta do mundo. Trovejava longe, mais longe e, depois, nem longe mais. Só o marulhar do São Francisco embravecido se ouvia. E uma luz clara veio vindo pelo rio, e eu me lembrei do vô, vestido de festa à beira da morte. A luz de longe foi crescendo e vinha como quem navega em nossa direção. Até a fúria das águas se amansava, e o rio sem fim parecia agora um grande lago. De onde eu avistava tudo, olhei para o rancho. E eu vi o vô de pé, na porta.

Quando a luz chegou perto, era mesmo um barco! Era um vapor de claridade, sem forma nenhuma, de madeira e ferro, como se fosse feito para navegar com anjos. Então eu olhei o avô caminhando, os pés dele mal pareciam tocar de leve as águas. Ele foi sem pressa e sem medo. Entrou no vapor como se fosse dele e subiu ao andar de cima. Foi quando ficou de frente para mim e, de lá, me buscava com os olhos, no claro da noite mansa. E o meu avô me viu, e, do seu vapor encantado, sorria, e me pareceu que ele brilhava também de uma mesma luz do barco.

Gritei. Gritei: *Vô! Vô Bento! O senhor vai indo, vô? O senhor vai indo mesmo no seu barco pro seu destino longe de nós?*

Ele não disse nada. Acho que o vô já existia além das palavras. Mas me acenou, enquanto o vapor começava a navegar devagarinho, de volta. O céu se abria, eu avistei a poeirinha do Sete Estrelo. Antes de estar longe, o meu avô pegou, com as duas mãos, um feixe de flores de papel da amurada do vapor e atirou para mim. E se foi no seu barco.

Foi isto o que eu vi daquela noite.

Medo eu já não tinha nenhum. O barco de luz foi descendo o rio devagarinho, e eu soube que nunca mais ia ver o meu avô. Me agarrei nos galhos e espiei para

baixo, para saber que ia ser uma longa espera. Eu, um menininho beiradeiro, senhor do mistério. Aquela luz indo embora, levando o meu avô, vivo... encantado.

Clareou de ouro para os lados da Bahia, logo era dia. Ainda esperei sol alto para descer da árvore. Andei pelo terreiro no chão seco. O rio, meio alto ainda, havia já descido dos altos do barranco e voltava para o leito. Entrei na casa. Lá dentro não aconteceu quase nada, nem parecia que, com um pouco mais, as águas da noite haveriam de varrer o nosso rancho de pau e palha do lugar onde nasceram os meus irmãos e eu. Algumas coisas esparramadas pelo chão. A cama onde o vô vestido de festa esperava o seu vapor estava só um pouquinho virada fora do lugar. Eu queria e não queria me lembrar de tudo, e havia no ar, não sei bem, um cheiro bom de macela, de madeira de bálsamo e de alecrim.

Me vi chorando, quando, depois do meio-dia, a gente de meu povo veio vindo de longe de volta a casa. Ainda atravessaram o baixio do lado de lá com as águas pelos joelhos e chegaram perto de mim assustados, mais do que eu. Antes de entrar no rancho, a mãe abaixou o corpo e me abraçou muito e muito. Choramos os dois, e só nós. O pai perguntou por tudo e até riu com os outros, quando o bode velho apareceu. A mãe quis saber do vô. Primeiro eu não conseguia dizer nada e soluçava. Me levaram para dentro com os outros e se assustaram da casa vazia, sem o velho. Os olhares de todos me perguntavam o que houve. Me assoei o nariz na mãe, tomei fôlego e fui contando tudo. Comecei dizendo pelo fim: *O vô se foi, como ele disse. Veio um vapor no meio do fim da chuarada. Parou bem ali, e o vô entrou nele coberto de uma luz. A vapor foi, tomou desse rumo... levou ele.* Daí contei depressa o começo e repeti o fim de novo.

Do que eu contei do que vi, logo se formou um juízo, falado pelo pai aos outros todos. As águas da enchente subiram mais do que subiam em qualquer agosto. Eu, menino, corri e trepei nos altos da mangueira e me salvei do rio. As águas levaram o avô Bento, já morto ou ainda vivo. Acharam estranho a roupa de dormir jogada no chão e a falta do terninho velho de missa. Contei de novo essa parte do acontecido. A mãe me olhava sem dizer nada e nem não chorava mais. O pai quase me reprovava e disse aos outros: *Medo cria muita fantasia.*

Os homens ordenaram o terreiro. As mulheres da casa deram jeito no rancho, logo tudo quase voltou a como era sempre. Gente pobre sempre tem pouca coisa para ajeitar.

Vieram alguns vizinhos e, da tarde para a noite, vó Joana, a mãe de meu pai, comandou reza de terço. Sem o corpo, as pessoas da gente dos Bento e as outras

pediam pela alma do velho. Saí antes do fim e fui perambular pelo terreiro. Meio longe, mas ainda pedaço de terra nossa, fui encontrar, presa numa rama do pé de urucum, a braçada de flor que o avô havia jogado do vapor, antes de sumir na luz da noite. Estavam lá, molhadas ainda, as flores de papel meio desbotadas do azul, do vermelho, do laranja, do verde e do amarelo delas. Mas estava inteirinha e quase perfeita.

Foi a mão de quem que fez uma braçadinha de flor tão perfeitinha? Eu perguntei para a mãe quando levei, e dei para ela, e contei de novo esse pedaço do fim do que aconteceu. Ela me olhou, cheirou as flores e só disse de volta: *Têm perfume, Chico Bento. Têm cheiro de macela, de bálsamo e de alecrim.* Não choramos mais.

No outro dia, bem cedinho, a mãe me tomou pela mão. Fomos juntos pelo caminho até o cemitério do povoado, uma distância de quase légua. Na cruz do lugar onde minha outra avó, mulher de meu avô Bento, descansa, ela dependurou as flores e me disse para dizer com ela uma Ave-Maria. *Se for pra vó,* eu disse, *que o vô não precisa.* E ela me disse: *eu sei, Fio, eu creio. Eu quero crer.* Me chamou Fio, como só o vô chamava, e saímos os dois juntos, lado a lado.

Vimos vindo de volta, juntos, de mãos dadas. De quando em quando, um para outra se olhavam. Sorriam: a filha e o neto de um velho encantado.

O sonho das aves

Quando a Coruja chegar, disse a Araponga a todas as outras, podemos começar. É tempo.

E quando ela chegou e tomou o seu lugar no galho de sua árvore, na clareira, a leste da floresta, entre um riacho que ali há e um rio, as aves começaram.

Tudo era sem pressa, num tempo, antes, falou o Beija-Flor, mas agora é urgente. Precisamos salvar o homem, para que o homem venha conosco salvar o mundo. Isso ele disse pausado, lento, e todas as aves reunidas ouviram atentas.

Sim, é urgente e é preciso, repetiu o Pica-Pau. Sem a ajuda dos homens, o mundo vai-se acabar, não falta muito. Podemos fazer a nossa parte, mas, sem eles, tudo é muito pouco.

É preciso e é urgente, piou do seu galho um Sanhaço Azul-Claro. Mas como? Quem sabe?

É preciso fazer os homens saberem e é urgente, disseram, em coro, três Anus Pretos. Mas, antes, é preciso saber como falar aos homens. Eles mal se escutam a si mesmos e entre eles... irão nos ouvir? Irão saber escutar a voz dos pássaros?

Os homens pensam que sabem tudo e ficaram mais assim ainda depois que aprenderam a cantar com os pássaros e aprenderam a fazer máquinas de voar contra os pássaros, lembrou de um alto galho a Arara Azul.

Os homens pensam diferente, saiu afinal do silêncio a sábia Coruja, por isso pensam que só eles pensam.

Eles falam entre eles diferente, e, quase sempre, um não entende o outro. Descobriram o costume de escrever com sinais escuros o que falam, por isso pensam que só eles falam, disse o Urutau, pensativo.

É preciso salvar os homens, voltou o Beija-Flor, e é urgente. O mal do mundo não espera para tomar conta de tudo, e, sem o homem ao nosso lado, o bem vai perdendo força.

É preciso! É urgente! É urgente e é preciso! Piava a Patativa, que queria dizer alguma coisa, mas não sabia o quê.

Sim, mas como falar aos homens? Como piar cantos que eles entendam, ao invés de só acharem que entoamos belas cantigas sem as palavras deles? Cantigas, para eles, tão bonitas quanto sem sentido... disse, de longe, um Gavião de largas asas, acostumado a altos vôos.

Tentamos de muitos modos, faz muito tempo, faz todo o tempo, desde quando, muito depois da gente de penas, os bichos de duas patas surgiram no Mundo. Nunca deu certo, lembrou um Tiê-Sangue.

Nunca deu, confirmou a Siriema lá do chão. Mesmo os pássaros que os homens aprenderam a prender e colocar em gaiolas pequeninas, quando cantam para eles, eles ouvem, gostam, mas, do que eles dizem, esse bichos sem penas não entendem coisa nenhuma.

Ah! lembrou o Curió, e se fosse através dos Papagaios? De toda a nossa raça de gente de penas, vocês são os únicos que aprenderam a cantar, como os homens falam. Eles poderiam aprender a entender o que nós todos temos a dizer a eles.

Isso nunca! gritaram, em coro, quatro Papagaios. E continuaram: É bem verdade que acabamos aprendendo a falar como os homens pensam que falam. Mas nunca adiantou nada. Eles só escutam o que nos disseram antes. Os homens foram sempre assim. Eles só querem ouvir, da nossa fala, o que antes falaram para a gente. Sabem? Os homens não nos escutam. Eles gostam mesmo é de se escutarem a si mesmos através de nós. Não adianta!

E é tão urgente e é tão preciso, disse outra vez o Beija Flor.

E é tão preciso e é tão urgente, repetiu a Patativa.

Mas há um caminho, disse a Coruja, eu acho que há um só.

Como sempre acontece quando a Coruja fala, até as Gralhas-Azuis fizeram um grande silêncio para escutar. Ela continuou assim: Num lugar não muito longe daqui, onde quase ninguém da nação dos homens vive, existe um deles que sabe compreender o que nós, as aves, falamos. É um velho homem de um povo antigo, desses que os outros, de pele mais clara, chamam de "índio". Toda a sua raça de gente desapareceu do Mundo faz tempo. Foi embora do Mundo, morta de dor e de doença, sobrou só ele. De tanto viver retirado dos outros e não ter mais com quem falar, foi aprendendo a ouvir os bichos. Foi assim, e agora, velhinho, aprendeu. Ele ouve e entende a fala do pio dos pássaros. Ele pia o pio de alguns e, com custo, a gente até entende. Eu mesma já falei com ele. Ele me disse que consegue ouvir o vento, saber da fala dele. E a do rio. Que encosta o ouvido na terra e entende a conversa de amor dela com a semente. Ele é um homem único, de tão sozinho. Desaprendeu dos outros homens, aprendeu da vida. Ele é um sábio, compreende a essência, depois que esqueceu o que não importa para estar vivo e amar a vida. Podemos ir até lá onde ele vive. Podemos falar isso com ele. Ele ouve, ele entende. Podemos mandar uma comitiva dos nossos, os que sejam mais capazes de entender

a fala dos pios do homem velho. Podemos contar o nosso segredo. Que não há mais tempo. Que é preciso e urgente dizer aos homens o que eles falam que sabem, mas não sabem ainda. Porque sabem sem sentir inteiramente, e, quando se sabe sem sentir, se conhece sem saber. Ele, e só ele no mundo, poderia ir falar aos outros homens. Poderia ir, em nosso nome, contar a eles o que paira sobre o Mundo, por causa do que os homens andam fazendo com ele.

Uma ótima idéia, bradaram sete Urubus, do alto, voando em círculo por cima da conferência dos pássaros. Que se vote e aprove isso sem delongas! Que se escolha uma comitiva! Que seja logo!

Qual! Gritou, com suavidade, o Urutau. Se os homens acham tão difícil ouvir com atenção os seus iguais, como é que vocês acreditam que eles irão ouvir um velho índio nu, de uma gente que já se acabou no mundo? Quando ele chegar lá dizendo aos outros - se conseguir se fazer entender na língua dele - que veio trazer uma mensagem dos pássaros, os homens de pele branca vão logo dizer que ele perdeu o juízo. Aliás, toda a vez que o homem de pele clara não está de acordo com um outro, acha que está certo, e o outro ... perdeu o juízo. Vocês acham!

Você deve ter razão, voltou a falar a Coruja, mas eu sugiro que, mesmo assim, mandemos uma comitiva do povo de penas ao velho-índio-sozinho-no-mundo. Só ele nos entende, e, se alguma idéia vier, virá dele. Ou será que existe alguma outra solução antes de o mundo se acabar de vez?

E se ouviu, e se debateu, e se votou. Foi escolhida uma comitiva de aves para ir ao encontro do velho índio dos ermos dos sertões do São Francisco. Foram eleitos a Coruja (claro), o Urutau, o Papagaio, o Pintassilgo, o Uirapuru e a Seriema.

Voaram e foram, e foi a noite, porque quem guiava era a coruja.

Chegaram era quase de manhãzinha. O velho já tinha acordado na gruta de pedra onde vivia. Parado, de pé, na frente de um riozinho, estava ali, como quem sonha o Mundo. E sonhava.

Quando os pássaros chegaram perto e pousaram, menos a Seriema, nos galhos de uma Gameleira de beira rio, ele disse antes de ouvir: Vocês vieram... eu já esperava.

Então você sabe o que viemos fazer aqui? a Coruja perguntou.

Eu não sei, ele disse, mas sinto.

Então é isso, tornou a Coruja. Se você vivesse nas cidades da nação dos homens, ou nos campos, ou nos matos por onde eles sempre estão, saberia o que eles andam fazendo com a nossa casa-mundo. Não há mais nada que detenha essa

gente de pele clara. Eles queimam as florestas, secam os rios, apodrecem os campos e envenenam a vida. Eles estão matando o que é vivo, pensando que estão transformando o mundo em favor da vida deles. Mal não sabem que, quando completarem o que estão fazendo, não haverá mais Mundo onde caiba a vida, nem a dos rios e das terras, nem a das plantas e dos bichos. Nem a deles, portanto. A sua, meu índio velho.

Não é preciso estar lá entre eles para saber disso, disse o índio. Houve um tempo em que eu vi. Então eu fiquei sabendo e agora eu sei. Os homens pensam que, fazendo o que fazem, eles constróem alguma coisa. Alguma coisa eles constróem para eles, mas com o preço de, aos poucos, acabarem com a vida do Mundo.

Então é preciso fazer alguma coisa. Ir a eles. Dizer o que eles sabem, mas não sentem ainda no fundo do coração. É preciso ir salvar os homens deles mesmos, antes que não reste mais nada, coisa alguma de tudo o que ainda é vivo. Foi o Urutau quem disse isso, e o velho índio ouviu e respondeu.

Sim, meus irmãos de asas. Mas como?

Isso nós já dissemos uns aos outros na nossa conferência, piou o Pintassilgo. Viemos pensando que você teria uma resposta.

A que o meu povo tinha, eles nunca quiseram ouvir, voltou o índio. E de nós querermos tanto resistir ao homens de pele branca, restei eu, sozinho.

Mas alguma coisa deve ser feita. Alguma coisa é preciso que se faça, disse o Papagaio na língua dele, que o índio entende, sem falar fala de gente.

Talvez exista uma única saída, pensou alto o velho. Uma só. E contou isto aos pássaros da comitiva: Entre os muitos males do povo dos homens, há um grande bem. Eles não acreditam só no que pensam e no que fazem. Alguns deles - e não são poucos - crêem no que sonham quando dormem, ou acreditam no que sonham... quando sonham sem pensar no que fazer.

Pois bem, quando os homens dormem, alguns deles sonham, e, em alguns sonhos, os bichos falam a língua dos humanos, eles entendem. Mesmo os homens de pele branca, os mais pensadores, os menos pensativos, acordam lembrando o sonho e a fala dos outros: outros homens, outros bichos, outros seres. Às vezes até a Alma do Mundo, que eles gostam de chamar de Deus.

Pois bem, eu sei o segredo de como é possível, às aves, entrar nos sonhos dos homens, assim como o amor, de vez em quando, entra no coração deles, e eles o vivem com o corpo e a alma, sem saber como aquilo veio, de onde e por quê. Aliás, quem mais ama é quem menos pergunta.

Durante três dias, o velho índio de um povo acabado ensinou aos pássaros o modo de entrar, como um sonho que se entende, no sonho que os homens sonham enquanto dormem. Quando eles voaram de volta e vieram aos outros pássaros na floresta, já sabiam.

Entre eles se ensinou e aprendeu a chegar perto da casa dos homens. Como ir até junto dos seus lugares de deixar de pensar e de fazer e adormecer, que é quando os homens são frágeis, sábios, assemelham-se às plantas e aos bichos.

De um lugar ao outro, o segredo do saber do sonho se espalhou entre todos os pássaros de todo o canto do Mundo. E, de então em diante, os homens nunca entenderam bem por que havia mais pássaros nos seus telhados, nos fios de luz, nas árvores perto das casas. E por que, tão estranho, muitas vezes se via um passarinho ao lado de um alguém que dormia.

Também os homens nunca conseguiram descobrir o motivo de sonharem mais e mais com as aves. Sonhavam que alguma vinha e, na doçura do sono, contava segredos. Cantava as palavras de um segredo que, no sonho e depois dele, se entendiam. Chamavam os homens a sentir de outro jeito e a lidar com a Terra, como com a casa querida. E a cuidar do dom da vida, como irmãos de tudo.

De tanto sonhar aquilo, alguns e, depois, muitos foram aprendendo a sentir que, se assim era dito pelas aves no sonho, assim deveria ser na vida quando acordados. Foram mudando com o tempo, de tanto sonhar o que ouviam dos pássaros e entendiam. Primeiro uns poucos, depois alguns e, finalmente, muitos. Assim o Mundo e os homens se salvaram.

Até dizem que, quando se passaram muitos e muitos tempos, de uma lua a outra, gerações de outros homens aprenderam, como o velho índio de um povo morto, a sentir o falar do canto dos bichos.

E foi quando, então, uma outra história da vida começou.

O aguadeiro de estrelas

*Quando eu nasci, ainda não havia
havido a grande enchente.
E quando foi que você nasceu?
Eu nasci antes da grande enchente.*

conversa entre índios

Quando tudo isto aconteceu, os barcos nem os cavalos dos homens de longas barbas ainda não haviam aparecido por esses sertões. O povo que habitava aqui era uma gente sem noção do tempo de sua história. Por isso cultuavam o sol e a lua, e era proibido contar o passar dos dias como faziam os que vieram depois e trocaram, por aqui, os nomes de todas as coisas. Eu, mestiço de meu povo originário e dos que vieram depois - a minha mãe falava a língua deles, e o meu pai, esta em que eu escrevo agora -, quero dar a palavra ao homem que contou ao pai de meu avô isto que eu ouvi de meu pai e escrevo aqui. Que, das linhas seguintes em diante, portanto, seja ele quem fale por mim. Como nunca soube o seu nome, dou-lhe um outro, que um breve momento de sua suposta própria fala me sugeriu: *aguadeiro de estrelas*. Como este nome era dito em sua língua?

Começa assim.

Eu vinha ao rio beber da água. Um rio longo, de águas límpidas, águas azuis e frias, descidas entre florestas da serra mais acima. Passava na margem de nossa aldeia.

Eu descia o barranco e vinha ao rio beber água, quando sentia sede. Vinha por costume duas, quatro vezes ao dia, de manhã cedinho, no escuro ainda. Nas horas do sol quente e, quando eu mais gostava, entre o fim do dia e a noite, minha madrinha. Era então quando, em algumas horas escuras, eu juntava nas duas mãos um punhado de água, e a pequena poça refletia o céu de minha terra. Gostava de sonhar que bebia, então, a água e as estrelas. Como todos os de meu povo, juntava as mãos em concha e tomava na taça de meu corpo. Eu, sedento de água e aguadeiro de estrelas.

Apreendi de ser assim, desde quando menino, que quem vai ao rio bebe a água e o rio mais o sol e o céu. Apreendi, com meu pai, algumas contas feitas em segredo, escondidas da tribo, e os rumos do mundo, olhando a combinação de algumas estrelas.

Com a minha avó, aprendi o pior segredo. Ela me ensinava a misturar as palavras de nossa língua com o que eu sentia ao olhar as cores das asas de uma borboleta, ou ao ouvir o ruído da chuva numa poça de água. Do mesmo modo como os nossos homens de culto diziam as belas palavras ao Ser Primeiro, assim também eu comecei a trovar, para dizer a uma moça o sagrado que eu via haver na curva dos seus seios. Um dia um de nossos sábios me ouviu, ao acaso, cantando, como em prece, o aroma de um corpo e a cor negra dos cabelos de uma mulher que amei quando moço, e um guerreiro de outra aldeia carregou com ele. Fui conduzido ao Conselho da tribo, me disseram que as palavras belas eram preces aos deuses, só a eles deveriam ser dirigidas. Respondi que a oração ao Criador nada perdia, quando era, também, um poema de amor à criatura. Responderam que não e me fizeram prometer, de maneira solene, que jamais usaria as palavras sagradas da tribo para dizer o que dizia.

Entre nós, aqui nestas terras de outra eras, o que não havia sido feito antes pelo Criador não podia, nunca, ser feito depois. Comecei a pensar que poderia ser diferente, mas guardei bem calado meu segredo.

Dependíamos do fogo. Quando havia grandes tempestades, e os raios riscavam os campos do cerrado, de vez em quando um deles incendiava a terra seca. Alguns dos nossos homens, os escolhidos para isto, corriam e capturavam paus queimados. Traziam para a aldeia o tesouro daquelas frágeis chamas dançarinas. Às velhas mais sábias, cabia a tarefa de manter aceso o fogo capturado. Quando se apagava, era uma desolação se não havia uma aldeia próxima disposta a doar o Dom das chamas. Luas passávamos sem o seu calor e sem o milagre que ele faz na carne dos animais caçados para comermos. Era preciso esperar o acaso de outros fogos nos campos dos tempos secos, depois que algumas estrelas, com a forma de um escorpião, levantavam cedo, e uma delas brilhava vermelha, mais que as outras.

Quando lascávamos pedras para fazer pontas de armas, observei, em nossos gestos, algo do poder de um deus. Tirávamos pequenas faíscas e poderíamos ser fabricantes de raios. De olhar as coisas, observei que os corpos duros da matéria do mundo, quando esfregados, produzem calor, como entre nós, quando se tocam com ardor o corpo de um homem e o de uma mulher.

Fiz isto às escondidas: tomei uma acha dura de madeira e abri ali um orifício com a ponta da seta. Depois tomei outra, mais fina, de madeira vermelha, como uma pequena lança, que rodei com força e rapidez, entre as palmas de minhas mãos. Em pouco tempo vi sair, das duas, um filhote de fumaça. Repeti várias vezes, até quando, já exaustas as mãos, observei uma pequenina língua de fogo. Cheguei junto dela algumas folhas e, pela primeira vez, produzi fogo.

Era um tempo de grandes frios, longe das chuvas de trovões, em que o nosso fogo e o de outras aldeias haviam-se apagado. Pensei que meu invento seria um bem e o apresentei em uma das reuniões de nosso Conselho. A revelação provocou um grande espanto, e logo a alegria da surpresa dos mais jovens como eu foi interrompida pelo grito de um dos mais sábios, um velho de cabelos cor de garça. Ele disse aos outros e, com fúrias, a mim, que aquilo era uma blasfêmia sem limites. Como ousar tomar entre as mãos o poder do mundo e pretender fazer, no chão de terra de nossa aldeia, o que compete ao Criador, ao Ser Primeiro desde as alturas onde vive? Que audácia agir como os deuses, eu que não tinha coragem de ser como os sábios, temeroso deles?

Escapei de ser expulso de minha gente, porque abaixei a cabeça e não disse nada. Prometi que jamais voltaria a fazer aquela loucura.

Ficamos mais doze luas sem fogo algum.

Depois, quando sozinho, comecei a observar com atenção o comportamento dos bichos, do barro, de alguns metais e da madeira. Eu gostava de fazer perguntas, de buscar respostas.

Com o tempo, descobri que algumas terras vermelhas, ao ser molhadas e modeladas, podiam secar ao sol. Tornavam-se sólidas e resistentes. Compreendi, com isso, que a matéria da terra vermelha, molhada e modelada, era como a água, quase: tomava a forma do lugar onde estava retida. Era, no entanto, diversa da água, irmã da vida, sempre instável. Minha argila, exposta ao calor do sol, que apenas esquentava a água fugidia, tornava-se um corpo sólido, frágil ainda, mas mais resistente do que o vento e as folhas das árvores de beira-rio. Um corpo duro e bom de tocar, sonoro às vezes e, quando finalmente seco, incapaz de voltar naturalmente ao seu estado original.

Me acostumei a brincar de criador com o barro da terra. Ao acaso descobri, mais tarde, que, quando queimada pelo fogo, essa matéria amolecida e dócil aos dedos tornava-se uma forma perfeita e mais estável do que a nossa própria carne, dos bichos e dos homens. Apodrecemos, e ela não.

Eu fugia dos outros, meus companheiros guerreiros da tribo, para ir observar, nos cantos do mundo, o comportamento das coisas. Fazia perguntas, algumas a deus, outras, à terra. Quem era um? Quem a outra?

Estou agora aqui, a três passos da minha morte, por causa de um gesto. Devo confessar, não sei se me arrependo. Ousei, descobri. Foi assim. Uma lua depois de quando os peixes sobem o rio em bandos, para a desova, decidi tentar transformar a matéria da argila. Escolhi uma mais plástica, mais como a própria vida jovem, não muito longe do barranco mais alto do rio. Misturei-a com a água e, por muito tempo, amassei. Fui dando a ela a forma das minhas próprias mãos em concha, algo parecido com a imagem de certos frutos grandes, quando, de uma metade, tiramos tudo, menos a casca. Deixei que secasse ao sol todo o resto da tarde. Escondido de todos, trouxe, de nosso fogo, uma lenha ardente. Fiz longe uma fogueira maior e, quando se formou um punhado de brasas de cor viva como o sangue, coloquei ali o meu invento. Considerei isso um bem e resolvi criar, para o meu uso, mãos melhores que as minhas para colher e guardar água.

O resultado não me deixou satisfeito, e, durante quatro luas novas, sempre que podia estar só, tentava mais uma vez. Fiz e refiz as minhas pequenas formas de argila como mãos que guardam água. Rachei algumas à força de árduos fogos. Afinal descobri uma maneira de envolver a cabaça no calor das brasas, e, quando tudo esfriou, eu tinha entre as mãos uma forma de barro sólida, inteira, quase perfeita, como a pedra. Deixei-a esfriar e fui até o rio. Cheia de água, tal como acontecia no oco de algumas pedras rio abaixo, ela ficava ali, quieta, aprisionada, serena e servilmente à espera de minha sede. Ah, eu! Jovem ainda e já senhor do tempo.

Agora eu descia ao rio a noite, capturava uma porção das águas claras entre as mãos de barro que as minhas mãos seguravam, bebia, devagar, o meu quinhão de vida, levava comigo o resto. Ia para minha choça com um pequenino lago de meu rio. Nem de longe, imaginava o que viria a acontecer.

Criei várias dessas formas, que considerava belas e úteis. Quando já dominava os segredos de meu invento, fui às mulheres - era mais a elas que aquilo deveria servir - e lhes contei sobre tudo. Ensinei como fazer o pequeno milagre de reter a água.

Os feiticeiros de tribo souberam de minha audácia e viram mulheres fazendo o que era devido ao Criador. Vieram a mim. Não escondi coisa alguma. Entraram na minha choça, viram tudo. Antes que dissessem o que vieram perguntar, mostrei a eles os meus achados da argila. Eu os havia aperfeiçoado e tinha agora potes, gamelas e

moringas. Quando interrogaram sobre o porquê daquilo, eu disse que era para trazer o rio à minha casa. Expliquei a eles, como pai ao filho, que as águas do rio podem ser guardadas em alguma coisa mais do que a concha das duas mãos. Que, modelando essas terras vermelhas dos barrancos, todos poderiam fazer mãos de barro, onde a água e a comida dos dias ficassem guardados de um para o outro. Poderíamos viajar longe, levando pequenas porções do rio cativas, quando fôssemos a um lugar em que a água não exista.

Olharam tudo pasmados, e um deles me falou, com olhar grave, que as mulheres de minha vizinhança haviam dito a mesma coisa, do mesmo modo. E que iam ao rio, como eu, colhiam água em potes e moringas – coisas para as quais não tínhamos ainda nomes, eu os inventei –, levavam para casa o rio, davam de beber daquela água aos filhos e aos netos. Respondi que sim, que era bom, como aprender a fabricar fogo sem precisar da fúria dos raios e do acaso dos campos. Não disseram nada. Saíram, e um deles levou nas mãos um pote de barro com a água dentro.

Três noites depois fui chamado ao círculo do Conselho. Estavam todos reunidos, os anciãos, os feiticeiros, os homens guerreiros. Foram tão justos, como se pode ser entre os de nossa gente. Pediram que eu falasse. Que dissesse de meus motivos, das idéias que tinha e dos meus inventos.

Antes de meu relato, saudei as quatro direções do mundo, as fontes originais e o Pai Primeiro. Depois me dirigi a todos, chamando alguns pelo nome, honrando-os. Recordei que, tal como eles, eu acreditava na origem de tudo e de nosso povo saída do hálito do mesmo Criador. Repeti minha crença de que eram os nossos ritos e os sacrifícios que fazíamos ao deus de nossas palavras e às fontes originais da vida o que garantia a passagem do dia à noite, dos tempos dos ciclos, entre a era das chuvas e a da seca. E o nascimento, propiciador da flor e da fruta, do filhote de uma capivara e dos filhos dos homens e mulheres. Discorri, com humildade, sobre a vida e sobre a morte. Os que morrem se encantam e estão aqui, entre nós, em outro plano estabelecido pelo Criador.

Então, nem sei bem por quê, naquele momento em que eu estava ali para ser interrogado e, provavelmente, julgado e exposto à condenação, gostei de narrar aos dos círculos sobre os meus costumes, já conhecidos deles. Contei vagorosamente como era bom ficar acordado no claro das noites de Lua Grande, costumava sair da choupana para me deixar estar na beira do rio e olhar o céu. Não apenas me admirava da beleza de tudo, mas dirigia ao todo as minhas perguntas. Olhava, nas noites de Lua Escura, o curso das estrelas e a variação do caminho de algumas delas,

ainda sem nome, cujo brilho não faiscava. E lhes dava nomes e fazia perguntas a tudo, até descobrir que algumas respostas deveriam ser encontradas dentro de mim mesmo.

Sabia de cor, como poucos, todas as preces de nossos ritos. Observava todos os cultos dos dias e prezava, com ardor de um sacerdote fiel, as tradições de nossa gente antiga. Mas não tinha como evitar o costume das perguntas. Queria saber sobre o que há. Queria dar nomes aos rumos do mundo. Queria olhar com outros olhos e saber por mim mesmo o que o Criador sabe e não revela, para que a raça dos humanos descubra com os gestos. Como seria o mundo quando nem o Criador havia sido criado? Por que, de dois corpos que se amam e se unem sobre as palhas da esteira, surge a semente de que surgimos nós? Se os pássaros voam, por que nós, que fazemos voar ainda mais longe os nossos pensamentos, não podemos voar? O que há dentro da flor para que adiante ela seja o fruto?

Assim eu faço. E mais, porque eu, que poderia olhar maravilhado pela ordem de tudo, como os olhos inocentes de minha mãe, resolvi perguntar com as mãos, como o meu pai.

O mais velho de todos, o mais sábio, o que me instruiu sobre as palavras sagradas e o uso dos adornos nos ritos da vida, perguntou então por que fazer o que eu fazia. Sem me condenar com suas palavras, fazendo ver a todos que eu tocava com o pensamento o poder do Criador, lembrou a mim e aos do círculo no meio da noite que, primeiro, eu havia tomado as palavras das preces sagradas e criado com elas algo como os belos poemas dirigidos aos seres da vida, aos acontecimentos do dia e ao amor das mulheres. Não neguei. Respondi que nada mais devocional do que lembrar ao Criador que reconhecemos o poder de seu amor, enaltecendo, com as palavras dirigidas às mulheres, a presença da vida e a da beleza em nós mesmos, na pele de nossas filhas, no ardor do corpo e da alma que nos une a elas. Enfim, na formosura misteriosa de tudo o que há.

Procurei dizer algumas de minhas preces à vida e declamei com todo o sentimento, o que depois contei aos da tribo que chamara de “poesia”. Vi quase lágrimas nos olhos de alguns, mais jovens. Porém um deles, um ancião, disse que aquelas palavras, enganosamente belas, eram como tomar a carne do animal do sacrifício destinado ao Criador e comê-la, ao invés de deixá-la intacta, oferecida a ele inteira. Respondi, perguntando se o Criador amoroso não gostaria mais de ser convidado a vir comer conosco, filhos de seu amor, os frutos da sua criação. Observei olhares de fúria no rosto de alguns velhos.

Depois, perguntaram pelo fogo. Preferi a verdade, outra vez, e confessei que havia continuado a experimentar como produzi-lo. Ia, escondido, a alguns recantos próximo a uma grande caverna que os outros temiam como moradas de maus espíritos, que guardavam estranhos, belos desenhos de outros tempos. Ali desenvolvi meus meios de gerar as chamas sobre madeiras, com o auxílio de penas de aves e de folhas secas. Podia agora gerar o fogo quando quisesse e disse aos do círculo dos anciãos como aquele invento simples nos livraria do acaso.

Um deles quis saber, quase irado, se o que eu chamava acaso não seria a vontade do Pai Primeiro. Como sempre foi, desde a origem de tudo e de nós, que o fogo sagrado viesse como dádiva, mandado pelo Criador através de sua voz: o raio das tempestades. Que as moças virgens fossem ocupadas em guardá-lo, e que cada um que viesse buscar uma pequenina labareda para levar ao chão de sua casa revisse, naquele gesto de fé, um elo de nossa absoluta dependência de um deus e dos acontecimentos do acaso de seu poder.

Minha resposta deixou alguns mais irados ainda. Pois arrisquei dizer que o mesmo Pai Primeiro acende dentro de nós um fogo interior, invisível, inacabável, se desejarmos que assim seja. Que essa chama se manifesta como labaredas de um outro poder, quando aprendemos com o Criador a criar, pensando, estabelecendo a ordem de nossas próprias idéias, perguntando à arquitetura do mundo e ao milagre da vida, sendo filhos de um deus e sendo ele próprio, em nossa medida.

O olhar de alguns me teria fulminado. E um deles levantou-se para dizer, como se pronunciasse uma sentença, que, quando os filhos do Pai Primeiro ousam querer ser criadores como ele, acabam resultando em uma imagem imperfeita e indesejável do espírito do mal, o Destruidor. Quis dizer que não. Pretendi retomar minha fala e, de uma vez por todas, enfrentar essa idéia ancestral, ao mesmo tempo bela e perversa. Calei. O gesto do olhar de quase todos, ali reunidos por minha causa, me calou.

Um outro perguntou pelos meus inventos com a argila. Meus potes, minhasoringas foram colocados no meio do círculo, diante do olhar de todos. O que me foi dito é que, mais do que o invento do fogo, aquelas armadilhas às águas livres eram o pior gesto de desconfiança diante do deus, que, ao nosso redor, dispôs, de maneira diligente e caridosa, as águas em rios, em lagos e lagoas, em fontes e chuva. Retê-las e levá-las para onde eu quisesse era como suspeitar de que, adiante, elas me faltariam, o que significa desconfiar de que o doador da vida seria capaz de negar a vida a um seu filho.

Lembrei secas do passado. Responderam que foram devidas aos erros dos homens, pois o Pai Primeiro, amorosamente, nos castiga com penas quando, de algum modo, o desafiamos com o erro. Um deles disse mesmo que, em sonhos, nos viu às vésperas de uma seca devoradora e sem fim, e a razão dela estava no meu desafio ao Criador. Respondi a ele, dizendo que não criava as armadilhas das águas com as mãos e a argila, mas com o meu pensamento. E disse a seguir que, a meu ver, as secas que, de tempos em tempos, nos afligem nada têm a ver com as faltas dos homens ou com os descuidos de Deus, mas com o estabelecimento de uma outra ordem provisória no curso dos tempos. Me olhou com horror.

Fui tão humilde quanto pude. Respondi que, de fato, reter os frutos da vida, levá-los para dentro da casa, acumular provisões deveriam ser os atos mais condenáveis. Eu também acredito e não disse isso apenas para tornar favorável a mim o juízo dos indecisos. Tudo de que necessitamos para a vida está disponível no mundo natural à nossa volta, a cada dia. Guardar uma simples fruta para o dia seguinte é mesmo um gesto de medo e de desamor. Chamei, em meu testemunho, a frugalidade de minha pequena choça, conhecida de todos. Colho dos vegetais apenas o que é preciso para o momento seguinte. Pesco dos rios somente o peixe da próxima refeição, e todos conhecem o meu horror a matar qualquer outro animal dos campos e das florestas. Disse ainda que, entre nós, o que se sabe é o que os deuses contam, mas o que se aprende é o que se inventa como o que há de deus dentro de nós.

Mas lembrei que, assim como roubamos do corpo morto das aves as penas com que nos adornamos para bailar, em outras noites, aqui mesmo, a volta deste círculo, em favor de nossa alegria, em nome de quem somos e em honra ao Criador, assim também não deveria haver mal algum em retirar do rio um pouco de suas águas e levá-las conosco. Da concha das mãos à concha de uma peça de barro, que diferença haveria que causasse a fúria do Pai Primeiro? Respondeu um deles que é a mesma diferença que há entre tirar do reino da vida o necessário para um momento mais de minha vida e roubar dele o supérfluo apenas pela audácia de impor, sobre o jardim do Criador, o meu poder. Eu me calei, a cabeça baixa.

Então um deles, o mais sábio, cujo juízo era favorável a mim, levantou-se e veio ao centro do círculo. Disse, com voz bem alta, que nada havia de novidade em tudo o que eu fizera. Outros, em outras eras, teriam feito, algum dia, os mesmos inventos. Fazia tempo que os velhos sábios vigiavam, entre os jovens, o uso das palavras sagradas para os destinos do amor humano. Isto a que dei o nome de “poesia” é um pecado antigo. Ele lembrou que, em outros tempos, os avós de nossos

avós receberam do criador a permissão de criar o justo e o necessário, misturando com as idéias a matéria do mundo. Por isso temos lanças e fazemos choças. Mas tanto havia bastado, e agora era o tempo de repetir os feitos e rememorar os fatos dos ancestrais.

Tudo, menos criar o fogo que nos foi e segue sendo dado pelo Pai Criador, desde quando ele o arrancou de seu coração incandescente e o ofereceu como uma dádiva ao primeiro par da gente de quem somos. Tudo, menos aprisionar as águas livres e não usá-las apenas para o desejo ou a necessidade do momento, ali mesmo onde elas estão, no rio da aldeia. Pois mais do que o que fora criado pelos ancestrais, seria o caminho de abandonar a vida à ordem natural da vida e criar o mundo em que a cobiça da posse dos bens sucederá à invenção dos objetos de uso. Calei, permaneci com a cabeça abaixada diante dos meus. Ouvi a sentença.

Não me condenaram à morte imediata, como eu mesmo esperava. Tocando, até com carinho, meu ombro direito, o mais velho de todos proclamou a vontade da tribo: que eu cumprisse uma jornada. Ela diria de meus erros e meus acertos. Seria assim. Levando comigo os inventos do fogo e da água, eu deveria seguir rio acima, da aldeia à sua fonte originária. Sairia pela manhã do dia seguinte e caminharia todos os dias até chegar lá... se chegasse. Ao longo do caminho, não deveria colher para comer fruta ou raiz alguma. Nem pescar peixe, nem caçar animal. Mais. Deveria ir sempre ao longo do rio, sem retirar dele, com a concha das mãos ou com meus artefatos de barro, sequer uma gota para beber. Essa seria a minha penitência.

Se chegasse com vida ao lugar da fonte originária, aí então sim, deveria colher, em meu pote de argila, a água que eu quisesse. Poderia bebê-la e voltar à aldeia, recebendo o alimento que a vida me desse ao longo da volta. Se eu voltasse vivo ao círculo em que estávamos, todos saberiam que cumpro, com meus feitos, a vontade do Criador. E eu seria admitido ao círculo dos sábios, e os meus inventos seriam para todos um bem. Minhas perguntas seriam ditas aos jovens para que fossem deles também.

Fui, sabendo que não voltaria. Ainda que o nosso rio não seja o pai de todos, o que vai de mais acima da aldeia ao grande lago das águas amargas, ele é um longo rio de terras planas e, depois, de montanhas acima. Eu não chegaria com vida sequer ao começo delas. Mas assim me disseram, assim cumpri.

Agora estamos juntos aqui, homem que vives retirado de todos, mas que és de meu povo e compreendes a minha fala. Estou exausto e sedento e te contei, para que saibas e digas aos meus que vim e cumpri o mandado deles. Agora sabes e, por teu

intermédio, os outros saberão. Te dou os meus inventos. Leva-os contigo. Ensinei como fazê-los e ensinei outros. Se te parecer um bem, usa-os.

Antes de ir embora, vamos juntos às águas do rio. Me verás enchendo, nesta noite, o meu pote de argila com as águas claras. Não irei descumprir o que me ditou a tribo. Sedento e já à beira da morte, quero apenas olhar dentro dele o brilho do céu. Eu, aguadeiro de estrelas. Depois, quero erguer as minhas águas presas em direção ao lugar onde se diz que o Criador está e dizer a ele não uma prece, mas uma poesia.

Quando eu morrer, que o meu corpo não te dê trabalho, amigo de meu acaso. Jogue-o dentro do rio e volte por mim à minha aldeia. E conte.

A cachoeira de rio acima

Foi assim.

Você está vendo esta cachoeira? Esta cascata alta, que cai paredão abaixo, de cima da serra até aqui, onde eu começo a correr mais sereno o meu caminho? Você ouve o som do meu cair? Este ruído, que estrada afora me acompanha, das águas despencadas desde o momento sem fim que eu venho sendo, quando, lá do alto, derramo as minhas águas claras, minhas águas ainda frias de nascer na serra até chegar aqui nesta taça verde-e-azul escuro, quase um cinza chumbo quando chove? Você me ouve? Me vê daí de onde está, beira-mata, beira-rio?

Os homens como você contam o tempo aos punhadinhos. Falam: *um século!* E arregalam os olhos. Se espantam do muito desse pouco. É que eles sempre têm pressa, como você, que mal chegou e já ensaia ir indo, quase sem criar silêncio, como a terra, para me ouvir só um momento, um momentinho só.

Preferimos não contar. Sabemos que tudo passa, e eu mesmo não fui como eu sou agora. Rios e outras águas, somos de um tempo sem conta, mas estamos sempre mudando. Minha mãe, a terra da serra das minhas primeiras águas, também não era assim como é agora. Eu nascia, muito tempo antes do que houve, num lugar plano e baixo, como o chão do sertão por onde vou ainda ainda, adiante.

Todo o grande rio nasce como os pequeninos: de um filete de água. De um punhado de gotas reunidas, que saem do corpo da terra. Alguns, como eu agora, mas não antes, correm riachos apressados e cantantes. Descem depressa no meio de matos e de sombras, entre cipós e araras e onças. Fazem corredeiras de piaparas e, de vez em quando, cascadeiam saltos: formam cachoeiras, descem em despenhadeiros e rugem no silêncio trovões que não se acabam. Alegria de rio menino são esses cantares, essas cantilenas alegres de flautas e tambores. Depois, rios crescidos, águas que se ajuntam pelo caminho a outras águas, serenam o corpo. Viajam em planos e vão devagar. Rios de remansos como eu sou adiante, aqui e ali. Vagaroso... mas nem sempre. Veja.

Quando eu era antes do que houve então, guardei as minhas trovoadas para muito longe. Formei algumas pouco altas e uma outra grande cachoeira, quando já viajava em planos. Fui feliz de saber, quando naveguei pelo sertão pela primeira vez,

antes dos bichos, muito antes dos homens, que o chão da terra guardava, para o meu corpo de rio de outono, uma grande queda. Lá onde isso existe, já nem tão longe do mar, eu atrôo um rugido que se escuta longe, bem antes de quando se me vê.

Então, foi há muito tempo. Muito mais do que lembram os homens. Muito mais do que recordam os pais dos bichos. Muito mais até do que lembram as árvores, como estas de agora. Aquele foi o tempo das primeiras lembranças das águas e das pedras. Uma terra áspera, quente e menina ainda regia tudo. Havia grandes fogos que saíam da terra. E, de tempos em tempos, toda ela se sacudia de dentro e sovertia tudo. Eu já havia.

Como disse, nasci antes, em umas terras planas, não muito longe daqui, quase aqui mesmo. Diferente de outros que deságuam águas claras em mim, adiante, eu, já menino, viajava planuras, silencioso e quase lento, como o caminhar de um velho. Não era inveja, que isso não é sentimento de rio, mas quando eu soube dos outros rios desaguados em mim, de suas aventuras saltitantes de riachinhos, fiquei triste. Bem eu sabia que a terra mãe havia semeado, com carinho, o chão dos meus primeiros trechos. Ajuntou pedra e areia, dispôs tudo com ternuras, mesmo sabendo que, de quando em quando, de dentro dela, viriam os atropelos que mudariam a ordem dos mundos de perto e de longe. Chamou o vento e soprou meu leito, como quem escreve, como quem abençoa o ser que ainda nem é nascido. Depois, um dia após as muitas chuvas daqueles tempos, me fez nascer pela primeira vez.

Acho que ela me queria calmo: um rio de águas mansas. Fui como ela me fez por muito tempo. Como acontece com todos os rios, fui cavando, com a lixa das águas e a lixa das areias, o meu caminho. Inventei curvas e tracei rumos retos sertão adentro. Abri veios entre montanhas e formei praias e ilhas. Um rio se recria todo o dia. De como eu era quando nasci, não pude fazer nada. Amarguei tristezas de rio menino por não cair de alturas, lá onde eu dava os primeiros passos. Mas, do que os rios falam com os rios, do que os rios falam com a terra, eu não disse nada.

Triste, no entanto, eu havia de estampar no rosto aquela amargura. A terra mãe dos rios sabia? Eu acho que sim. Pois ela mesma, um dia, sussurrou em silêncio, como quem diz sem falar: *Menino rio, esse é o destino de seu caminho. Você não gosta?* Eu não disse nada. E ela ainda: *O que está feito sempre pode mudar, agora ou longe, com o tempo.* Eu não disse nada. Há amores do rio pela terra que não permitem queixa alguma. Depois, ela era sábia, e eu, só um riozinho no começo do viver das minhas águas. Dizem que a terra me prende nas duas margens. Qual! Ela me abraça o tempo todo.

Foi então. Uma manhã já amanheceu diferente lá mais longe e perto de onde eu começava a nascer. Havia, no ar do vento e no som de tudo, uma espera estranha. Primeiro, naqueles tempos sem os seres que nadam, que voam e que andam a vida, por um instante houve mais silêncio do que o silêncio que havia antes de tudo. E foi quando o que aconteceu começou com um rugido saído dos fundos da mãe terra. E tudo tremeu por toda a parte, até onde os meus sentidos de rio menino podiam sentir o que havia.

Por um instante de meu medo, de meu espanto de ver tudo e não saber de coisa alguma, senti que minhas águas se separavam umas das outras e pensei que iria morrer. Atrás de mim, os planos de onde eu vinha de um pequeno salto manso se altearam e foram subindo as pedras brutas da serra de onde eu venho agora. Um atrôo continuado rugia à volta, enquanto tudo acontecia. O que era plano, planura de rio manso, subiu por esse paredão e formou, no alto, num punhado de instantes na medida da terra, o lugar do meu nascedouro. E de então em diante, ele ficou sendo lá no alto de onde eu venho. E este paredão de pedra a prumo ficou assim, como agora, só que ainda mais alto, nos primeiro tempos depois do que houve.

E eu, menino rio da serra, ajuntei minhas águas e a coragem para vir despencar dessas alturas até o chão de onde eu renasço depois do salto. Ah! Quando passou o susto, foi a alegria! Vi, pelos dois lados de minhas margens e por todo o chão debaixo de meus passos, a terra-minha-mãe amansar. Tudo foi serenando, e eu ganhei o que sonhava quando era antes: minhas alturas.

Do que ela fez por mim quando adivinhou o meu desejo de riachinho, a terra nunca disse nada. Mas quando eu salto - rio feliz ainda menino - por esta cachoeira a que homens antes de você e os homens como você deram nomes eu afago as pedras da serra do corpo de minha mãe com um carinho que choram as minhas águas claras, de ser tão felizes.

O caboclo das águas

Em coisas de mistério, quando muito grandes, a gente deve crer, mesmo que não acredite. Pois eu não acreditava em Caboclo d'Água. Depois do que me aconteceu, continuo não acreditando. Mas no que houve, sim, porque foi assim.

Fui pescar um dia, mais longe do que de costume. Andava num tempo de todo o meu azar. A roça do ano morreu de seca. Um filho, quase, também. Salvou por um triz e depois ficou minguado, fraquinho e gastador de remédio. Do gadinho mirrado que custei a juntar, perdi, em menos de um mês, quase a metade. E, como sempre, foram os melhores, ficaram os mais ruins. Caçar? Nem de longe. Gastar pólvora para fazer barulho... Da pesca, eu voltava para minha casa com meio quilo de peixe magro, do pior. Tinha dias que, se a minha sombra cobrisse um pé de arruda, ele secava.

Por isso uma manhã eu acordei disposto e com raiva. Foi pescar longe. Queria lugares de primeira vez.

A mulher veio e disse assim: *Se vai longe no desconhecido do rio, leve um litro de pinga e um tanto de fumo pro Caboclo d'Água.*

Casada comigo e mãe de meus seis filhos, parece que ela nem me conhece. Se eu era dessas coisas! Eu que quase não acreditava no Cristo, porque ele nunca me apareceu vivo, de verdade. Disse a ela: *Se for disso na matula, só se for pra mim mesmo, pois, pra esse que nem existe, eu não levo coisa alguma.*

Joguei dentro da canoa a tralha de pesca, uma matula para o dia, um litro de pinga e um meio rolo de fumo escuro. E entrei na canoa de cara amuada. Aquele dia ia ser para tudo ou nada. Ou eu voltava da pescaria para minha beira de São Francisco com a canoa afundando de peixe, ou então a minha má sorte acabava comigo. Eu era capaz de sair pelo mundo sozinho, bandido ou penitente. Fui pescar. Não pesquei nada.

Resolvi não voltar para casa naquela noite. A mulher já sabia dos meus costumes: saía para um dia, ficava dois, saía para dois, ficava quatro. Me arranhei para dormir numa prainha limpa de uma ilha no meio do rio, perto de uma capoeira que ainda havia por lá. Comi do que sobrou, pitei do meu fumo e não toquei na pinga. Naquele dia eu andava amargo até para beber. Ara!

E foi, na noite desse dia me deu um enjôo de tudo. Um amargo na boca, um outro na vida. Eu, lá naquele ermo, sem alma de ninguém por perto, mais raivoso com a vida do que triste. Depois adormeci e dormi fundo um sono ruim. Tive um sonho desses que se esquecem, mas me lembrei. Era como se, no meio da noite, alguém viesse me visitar num lugar como aquele ali. E rondava perto de mim. E mal nenhum

não me fazia, mas também nem bem. E se ia, mas depois tudo ali ficava estranho, metade medo, metade espanto.

E foi bem assim quando eu me acordei, com um sol sem forças já meio alto, o tempo beira-rio meio nubloso, de brumas frias. Ventava dum jeito fora do costume. Lavei o rosto na beira do rio, desaguei nele e voltei para fazer café, beber e subir acima em busca de peixe. Quando reuni a minha tralha, dei por falta da garrafa de cachaça e do rolo de fumo. Tudo o mais estava ali em ordem. Procurei na volta toda. Nada. E nem sinal de rastro de bicho ou de gente. Sinal nenhum de que um barco, uma canoa tivesse parado por lá.

Desisti do assunto. Peguei a tralha e fui pescar. O dia ia clareando, o sol cobrava força, e o tempo ia ser quente. E foi, e eu pesquei como nunca. Voltei para casa remando devagarinho e, de quando em quando, cantarolava. Eu, que até nem tenho desses usos. Voltei para casa. Do meio caminho em diante, já no quase anoitecer, chovia um pouco. No lugar de meu rancho, um verde bonito nas plantas me deu alegria. Essa meia seca ruim estava terminando?

A mulher disse que sim, enquanto limpava e salgava uma braçada de peixes. Me sorriu e segredou que, de então em diante, tudo ia sair pelo lado bom da vida. Perguntou pela garrafa de pinga e pelo rolo que fumo que foram e não voltaram. *Eu lá sei!* Respondi. *Perdi no rio, sumiu na noite ...* Ela sorriu de novo e não disse nada.

Um vizinho compadre que veio nos ver falou no Caboclo d'Água. Eu disse a ele que não falasse asnice para não chamar azar. E, chegando perto, como quem segreda e quer ouvir segredo, eu perguntei ao meu compadre se ele acreditava mesmo nisso tudo. Ele se chegou mais perto ainda e disse sussurrante: *Caboclo d'Água, Mãe d'Água, tudo isso não existe... mas, por aqui, tem.* E acendeu o cigarro e não quis mais prosa por esse dia.

Daí em diante, foram as águas mansas, e a vida voltou a cara de boa mãe para o meu lado. O filho curou de um tempo para o outro. A roça deu mais do que eu queria, os peixes não faltaram mais na minha canoa. Aprendi de novo a ser simples nos usos. Podia pescar muito e trazer para casa sobra de peixe. Mas para quê? Naqueles ermos de Deus não tinha para quem vender. Pescava o peixe de cada dia e desisti de caçar, não sei por quê. Tudo era muito, então, a minha volta, mas eu sabia que, a cada dia, basta o seu tanto.

Caboclo d'Água eu nunca vi. Nunca chamei por ele, e ele nunca me apareceu, nem no acordado nem no sonho. Não cria antes, não creio agora. Mas, por via das dúvidas, de quando em vez, levo comigo, rio abaixo, uma garrafa de pinga boa e um

tanto de fumo escuro. Deixo lá por onde passo com a minha canoa, beira de rio, borda de mato. Cada vez escolho um lugar e nunca volto para ver o que houve. Se não achar nada, vou começar a crer no que não devo. Depois, se ele existe, vai lá, recebe as prendas que eu deixo e me ajuda. Se não, que seja. Esse bem, de quem quer que venha, é bom. Não é assim?

O sineiro, o sino

Que eu saiba, este é o único lugar onde a igreja, tendo uma torre de sino, não tem nem sino nem sineiro.

Mas teve. Houve um tempo em que aqui havia um sino e um sineiro. O sino não era tão desigual dos outros, a não ser nisto de que, sendo até meio pequeno - um sino de capela do sertão -, tinha um som que ia longe. Que varava esses Gerais mais do que os outros todos, mesmo os bem maiores.

O sineiro era um homem casado e sem filhos, a caminho de velho. Um sineiro que aprendeu o ofício com o pai, que aprendera com o pai dele. Sabia entoar os toques com uma arte antiga. Dava, a cada um, o seu sentido, e assim, entre toques e repeniques, todos os do lugar e os de mais longe sabiam, pela voz do sino, o sinal de cada acontecimento.

Havia um para anunciar nascimento, e o homem deu de inventar uma variaçõzinha no final, para se saber se era menino ou menina. Outro, triste, prolongado, noticiava a morte. De novo, ele havia feito um jeito para a voz do sino dizer se de anjinho ou de adulto, se homem ou mulher. E havia os que falavam da chegada do padre ao povoado, da hora de o povo se juntar na pracinha diante da capela. Para se saber da véspera de dia de santo-de-guarda e para, nesses dias, se conhecer cada evento, da madrugada cedinho à noite alta. Como já quase não se usa mais, o sineiro gostava de marcar a hora do meio-dia e a “das ave-marias”. Quem quisesse que acertasse o relógio às doze horas do dia e às seis horas da tarde. Só mesmo quando doente ou preso nos ofícios da lavoura, o sineiro do lugar deixava de marcar, com o sino, as horas nobres e os feitos importantes.

E era de ver, lá no alto da torre, o esmero do toque e a alegria do rosto do sineiro. O ar de festa e o sorriso, mesmo quando havia ele só ali e mais ninguém, quando o sino anunciava a festa, o casamento ou a chegada ao mundo de alguém. *Minha alma vai no toque.* Ele tinha gosto em dizer isso seguidas vezes. Houve até momentos, durante festa de santo, durante dia de guarda, em que o padre precisava chamar a atenção do sineiro. Pois, do alto de seu posto, ele se aplicava tanto em soar o sino, que demorava nisto um tempo quase maior do que um dobrado da banda de

música que vinha lá da Bahia, do outro lado do rio, animar a festa e acordar o povo na alvorada do dia do padroeiro.

Pois o padre vigário chamava a atenção. Que todos sabiam da vocação dele para o sino, mas que não precisava exagerar tanto. *Afinal*, dizia o padre, *o sino é como a voz de Deus...* E ele respondia, humilde, reconhecido: *E é o prazer da minha arte, seo vigário.*

Casado havia muitos anos, não teve filhos. A mulher, mais velha, era adoentada, e ele dividia, com o sino, o amor dessa criatura amarga, feia, estéril, triste e rabugenta. Até foram felizes, se sabia na cidadezinha, por muitos anos. Envelheceram juntos os dois, e era de enternecer o carinho do homem pela esposa.

Como ofício de sineiro não dá recurso a ninguém, mesmo quando já envelhecido, ele trabalhava na lavoura. Plantava a meia, pois, de sua mesmo, não possuía terra alguma, a não ser o quintal da casa de quatro cômodos, pintada de cal e de azul claro, não muito longe da igrejinha do lugar. Disso vivia e costumava dizer que um homem, quando tem uma esposa, um dom de arte e um prato de feijão com arroz duas vezes por dia, não precisava ter inveja de ninguém. Nem mesmo de quem tinha filhos, como os cinco irmãos homens e as duas mulheres, irmãs, pois, não tendo nenhum de seu, podia ter pelo dos outros o mesmo carinho. *Toda a criança é meu filho*, sentenciava de vez em quando, *e todo o sino é meu deleite.*

Foi uma vez, de madrugada, numa noite fria de um julho, quando se ouviu, triste como nunca, o toque de finados. Demorado, lento e sem querer finir, como se anunciasse a morte do mundo inteiro. Quem acordou e sentiu mais curiosidade do que frio saiu da cama e abriu a janela para ver, com os olhos, o que era o que acabara de ouvir. No meio da bruma do escuro da noite, deu para enxergar o velho sineiro descendo da torre, saindo devagar pela porta da igrejinha e tomando, com as mãos nos bolsos e a cabeça baixa, o caminho da casa.

Quando a cidade acordou, logo se soube que não havia morrido ninguém. Não era dia de morto em casa alguma, e, na falta do vigário, o sacristão procurou o sineiro para saber a razão do acontecido. Ele não disse nada além de *Espera*, e baixou a cabeça e pareceu triste, ele, sempre tão inocente de alegre.

Na tardezinha do dia, a esposa apareceu morta na cama, sem que, de maneira alguma, desse sinal de que aquilo ia acontecer. O velho, triste de dó, não quis sair de perto da mulher vestida de branco, dentro do caixão de gente pobre, e não foi tocar o sino. Ninguém teve coragem de lembrar que, agora sim, era a hora de fazer aquilo. Se enterrou a mulher, e sete dias depois houve missa.

A alegria que tinha, como um festeiro em dia de reza, como um menino em tarde de festa, fugiu do rosto daquele homem, que, desde então, quase não falava mais. Cumpria o seu quinhão de oito na roça e era ainda o sineiro do lugar. Mas alguma coisa estranha começou a suceder, pois, de então em diante, o velho descumpria, de vez em quando, as ordens e as horas dos toques do sino. Seguia até quase fiel em fazê-lo entoar os toques costumeiros. Mas os dos avisos disto e daquilo ele teimava em não cumprir a risca.

Logo se descobriu, com horror, com espanto, que o velho aprendeu a insistir em repetir o que fizera quando da morte da mulher. De manhã logo cedo, repenicava o toque alegre do nascimento de criança. Não havia nascido ninguém. Mais a tarde nascia. Em outra hora acordava a cidade, anunciando uma morte que não havia. *Quem vai morrer?* Alguém perguntava. E alguém morria.

Quando, num cair de noite, o velho assustou a cidade, tocando, para Deus e o Diabo ouvirem, um raro toque de anúncio de incêndio, e, no meio da noite, a loja do velho Alencastro pegou fogo e queimou inteirinha, se decidiu que era demais. O padre chamou o velho e fez ver a ele que já era tempo. Que estava velho para o ofício, e era hora de passar o trabalho com o sino a algum outro. O velho sineiro respondeu só isso: *O sino é seu. O senhor vigário quer, o senhor vigário manda.* E foi embora sem pedir a bênção.

O que o velho fez quarenta anos com arte e sentimento, o sineiro novo mal sabia fazer para os menores gastos do ofício. Tocava o simples no ritmado do aviso e não conhecia a arte da fala dos sinos: seus repeniques, seus silêncios, sua música.

Largado do sino, o velho largou também da roça de feijão de milho, de sorte que vivia agora da caridade de duas vizinhas meio parentas. Não durou muito. Num outro julho, numa outra noite fria de entre brumas, o sino da igreja entoou, solene, triste, completo, um toque de finados como nunca dantes, em tempo algum, se ouviu tão assim, ali e em toda a redondeza. O novo sineiro não podia ser, todos sabiam. E o capelão resolveu visitar a casinha do velho do sino. Encontrou-o morto, vestido e pronto para o enterro.

Enterrado o velho, foi o sino sem o novo sineiro que dobrou, pesaroso, o toque de chamar para a missa dos sete dias do morto. De então em diante, não se sabe como, não se soube por quê, de quando em vez se ouvia, no meio da noite, um toque como só o sineiro sabia entoar, que anunciava, antes da madrugada, o que haveria de acontecer depois da manhã.

O medo do sino tomou conta do lugar. Artes do Demo, concluíram o padre e o sacristão, depois de o vigário benzer o bronze do sino, sem resultado algum. Com a permissão do bispo de Juazeiro, mandaram tirar, da torre, o sino do sineiro.

Isso aconteceu faz muitos anos, e nunca se soube se de verdade. Só para aumentar o mistério, algumas mulheres velhas e beatas juravam por Deus e pelos anjos e santos que, em algumas noites, quem apurasse o ouvido ouvia, de um sino que não havia mais na torre da igreja, o dobre alegre ou triste do anúncio do que ainda iria acontecer.

A fonte da moça

Quando eles chegaram ao arraial, foi no mesmo dia. Algumas mulheres, da janela, viram e comentaram. Como é que, num lugar ermo como aquele, onde passa ano sem que venha ninguém de morada, em uma mesma manhã, chega, de um lado, um moço de tão longe, no seu carro, rodeado de maquinário. Um moço tão estranho, tão bonito. E, do outro lado, vindo a pé, como quem não sabe de onde vem, ela chegou, a moça, sozinha, sem ruído e sentou no banco da pracinha, como à espera de que viessem perguntar quem ela era.

Do homem, a notícia dele chegou dias antes. Aqui é um lugar de duras penas. Já meio afastado do Rio de São Francisco, sem outros rios, sem águas perto, nada. Bom para o Demo criar os filhos. Nunca se soube por quê, um dia os primeiros de nossas gentes vieram dar neste lugar e resolveram fazer morada. Se diz que, antes, até houve água. Uns dois riachinhos que deixou o leito seco pelo caminho aguavam o pouco uso das sete ou nove famílias do povoado. Depois as pessoas aumentaram não muito, mas o bastante. E as águas sumiram. Derrubaram matos, plantaram dessas árvores bebedouras dos sumos da terra. Os riachos secaram com o tempo e davam água só raras vezes, depois das chuvas fortes. Água, uma quente, remansosa, meio verde e musguenta, ia-se buscar em cacimbas, longe, viagem de quase manhã entre a ida e a volta.

O homem era engenheiro de uma firma contratada do Governo. Vinha furar poços fundos. Pois águas rasas, dessas de cisterna, faz muito tempo que não existem mais. No moço se punham grandes esperanças. Alguns pensaram comprar rojões para soltar na chegada dele.

Da moça, não se perguntou, nem se sabia. Ficou por ali. Na missa do Domingo, o padre indagou se alguém conhecia dela: o nome, a gente, o de onde veio. Ninguém fazia a mínima idéia. Ela era pequenina e muito linda. Perguntaram o nome. Ela disse: *Eu não sei... eu tinha?* Para não ficar sem um, o padre sugeriu *Maria*. Era um maio e quente ainda no sertão, longe da beira do São Francisco.

Que alguém ficasse com ela, ele disse, até quando se soubesse. Até quando, quem sabe, viesse, de algum canto, alguém em busca da moça. Pois algum alguém ela havia de ter. Teria? Uma família acolheu, levou para casa e pôs numa cama, no quarto das filhas.

Logo ficaram gostando dela, Maria, primeiro na casa, depois ali pelo arraial por onde ela costumava andar, meio sem rumo, meio sem hora, inocentezinha, mas amorosa de olhar as pessoas, de lidar com os bichos, de responder perguntas, o pouquinho que sabia. Nem bem duas semanas depois e já a moça havia aprendido a fazer todo o serviço da casa. Com as meninas mais velhas, ajudava a mãe. Parecia não cansar nunca e sorria sempre, mesmo quando nem precisava. Falava muito pouco e, se fosse uma gente muda, seria quase assim. Mas não era. Pois às vezes, olhando para ninguém, ela gostava de suspirar tristezinha e dizia: *Lá de onde eu vim... era longe*. Daí a mulher perguntava mais as moças da casa. Ela não dizia nada, baixava os olhos, sorria. Se via que, dos serviços da casa, sabia de tudo e, pelo cuidado dos gestos, se soube que lá de onde veio teria sido uma moça bem criada.

O moço, mandado pelo Governo, chegou sozinho, primeiro, de carro próprio. Depois vieram outros com um caminhão grande e uma máquina. Vinham para encontrar água. Ficaram aqui e ali, sondando os lugares, especulando, olhando papéis e mapas trazidos com eles.

Depois, um dia o povoado acordou com o rugido de um motor que empurrava, para os ermos da terra, uma funda faca de aço. Se havia água, onde estava? Ao redor do maquinário juntou gente. Com o passar dos dias, ficaram as crianças como sempre. Já era um junho seco, mais quente do que de costume.

O povo do arraial sabia: era achar água, ou ir embora daquele lugar para sempre. E levar os trastes, as sementes, os bichos da casa, do quintal e do pasto. Que ficassem os da mata, sabiam buscar sua água. Que ficassem, no cemiteriozinho de meio morro, os mortos, que já haviam bebido toda a água que era a deles. Por dois meses e mais um pouco, os homens de fora mais o moço cavaram com as máquinas, aqui e ali. E do fundo da terra não veio nada.

Quando o moço viu a moça pela primeira vez foi logo dias depois de haverem chegado. Perto de um lugar na saída do arraial, onde seria feito um furo que depois viu nascerem outros tão secos quanto ele, o moço avistou a moça de pé, no alto de uma pedra, perto. Se notou a moça, era só porque haveria de ser raro alguém assim num lugar desses. Não era tão bonita nem tão vistosa. Ele tinha noiva na cidade, se soube, e havia no lugarejo, pequenino que fosse, pelo menos três ou quatro moças por quem um corpo jovem de homem gostaria de sonhar desejos.

Mas, quando ele viu a moça outra vez, mais perto, rondando de longe o serviço dos homens, sentiu o que nem ele mesmo não sabia o quê. Uma vontade de ir ali, de chegar perto, de olhar nos olhos, de tocar com as costas da mão o rosto. De sentir o

cheiro. E assim foi. A moça, às vezes, vinha e ficava meio longe, meio perto, mesmo depois que os últimos meninos curiosos deixaram de vir ver o trabalho dos homens de fora. Nunca se aproximava muito, mas nunca deixava de olhar atenta, como quem já sabe, mas se espanta ainda, o que eles faziam para buscar, do fundo da terra, a água que não existia.

Uma vez, enquanto pararam para o almoço do dia, o moço fez que ia em direção a ela e acenou com amizade. Depressa, a moça virou o corpo e foi embora quase correndo. Ele descobriu que pensava nela o tempo todo e que, esquecido da noiva e de tudo, queria aquele corpo mais do que a água. Então foi um dia à casa do casal onde a moça vivia. Pai de seis filhas, três em idade de casar, o homem recebeu o rapaz como um filho de rei. O moço foi convidado a entrar com exageros de honras, a mulher correu para fazer pão de queijo, serviu café nas xícaras que foram da avó e já não se usavam, a não ser num dia como aquele. As moças vieram, menos a moça de fora. Maria chegou depois, temerosa, e, quando viu o moço, saiu como quem foge, sem dizer “bom dia”. *Não repare*, a mulher falou, *ela é assim mesmo. A gente cria como filha, mas nunca a gente soube de onde veio.* O moço foi gentil, mas foi difícil pousar, nas outras, os olhos de ternura que havia trazido para ela.

E continuaram cavando, até quando o povo do lugar se acostumou a tal ponto com o zum-zum das máquinas, que não se incomodavam com o que estivessem fazendo aquilo ali. Por toda a parte onde parecia haver água escondida no fundo da terra, fizeram-se furos de pedra e de areia.

Foi quando o moço tomou o carro e viajou sozinho. Voltou quatro dias depois e reuniu os homens e os velhos no salãozinho da casa do padre, quando ele vinha de longe, ao lado da capela de Santana. E disse que não havia mais o que fazer. Onde se poderia buscar água, se buscou. Mas ali, naquele lugar exato, ela devia estar escondida nos ocios da terra, muitos palmos abaixo de onde as brocas das máquinas alcançavam. Os homens se olharam, como quem sabia. Conheciam o empenho daquela gente em achar a água que, em algum tempo, existiu à flor da terra, nos riachos dos leitos secos havia muito tempo.

No dia seguinte iriam embora, e a gente do lugar que resolvesse o que fazer da vida. Valeria a pena esperar a volta do padre, no dia da festa da Santa, a fim de pedir conselho? Haveria festa naquele ano?

Foi o começo de um fim de dia em agosto, subia do chão um ar de poeira e calor seco. O tempo mudou de repente, na hora em que os homens começaram a sair da casa da capela. Algumas nuvens, vindas do lado contrário de onde vem chuva,

escureceram os ares do sertão de um minuto para o outro. Um trovão atroou nos ermos e ecoou na serra, estirando o seu urro até virar, longe, um lamento. Vieram outros. Trovejou forte, e as pessoas do arraial, felizes e com medo, correram para casa.

Quando o moço se trancou de cansaço e pesar no quarto da casa emprestada aos homens de fora, ele já estava molhado na roupa, no rosto e nos cabelos da chuva forte que desabou apressada. Esfregou a toalha branca e decidiu começar, naquele instante mesmo, a arrumar as coisas para a viagem do dia seguinte. Chovia a chuva de todas as que faltaram antes, e, pela rua, nem cachorro não se via.

Ele estranhou muito quando ouviu, na madeira da janela, um toque suave, mas seguro. Bateram de novo. Quando ele abriu a janela, viu bem perto, no escuro do começo da noite de tempestade, o rosto molhado da moça desconhecida.

Antes de ele arrumar as palavras, ela disse: *Vem!* E ele: *O quê?* E ela de novo: *Vem comigo...*

Mistério, quando é grande, não se pergunta. O moço abriu a porta e saiu pela chuva, encharcando as botas em grandes poças. A moça ia a frente, sem correr, como quem guia, segura, serena. Foram saindo do arraial, e, no subir dum morro nem tão alto, que é por onde depois começa, adiante e longe, a serra seca, a moça tomou a mão do moço e foi levando-o silenciosa ainda. O moço ia embalado de desejo e assustado. O que haveria? O que a moça poderia querer? E se se revelasse? E se houvesse o que ele tanto desejava?

E houve. Quando chegaram ao lugar, onde o moço nunca havia vindo, nem tão longe do povoado, bem numa curva sinuosa, antes de a estradinha descer de novo, trilhar meia légua de sertão até atravessar a serra, ela, a moça, parou e olhou o moço. A chuva já cessava, e o céu, antes tão escuro, foi acendendo, uma a uma, as estrelas da primeira noite da Lua Nova daquele mês.

Sem nada dizer, a moça deixou descer pelos ombros as alças do vestido estampado de flores vermelhas e amarelas, até ele cair pelas pernas e deixá-la branca de nua. O moço deu um passo para abraçar aquele corpo tão querido, quando ela disse: *Não, assim como eu, vê?*

O moço, que desde o quarto apenas obedecia, tirava a roupa e descalçava as botas. Os dois, um com o outro, se abraçaram debaixo do olhar dos bichos que não dormem à noite. A moça abraçada, coberta dos beijos de uma primeira vez, pegou o moço pela mão direita e se deitou no chão de areia com a cabeça próxima a uma pedra alta que havia ali. E trouxe com ela o corpo molhado do moço de fora.

Ali se amaram as vezes todas que couberam na noite, até que uma madrugada de céu claro começou a deixar que um vissem, um nos olhos do outro, a luz dos seus. A moça disse baixinho: *Agora vamos*. E foi tudo. E foi tudo o que se disse naquele lugar, até quando chegaram à casa ainda escura e silenciosa onde o moço morava. Vestida de areia molhada e um pano de flores vermelhas e amarelas do vestido, a moça tomou a mão do moço e deixou um beijo antes de se virar e ir. O moço quis falar, quis tomar a moça pelos ombros. Ela disse: *Não! Eu vou embora. Amanhã você volte ali mesmo*. E foi.

O moço, naquela manhã, dispensou os homens com as máquinas e o caminhão. Ele iria depois, no fim do dia, pois tinha uma última coisa a fazer. Que fossem antes. E nem bem se foram, ele procurou a casa para saber dela. Foi vê-la outra vez, pois esperar a noite era o tempo de um tormento sem fim.

Quando chegou, soube que a moça chamada Maria havia desaparecido do arraial, desde aquela noite de tempestade. Foi vista saindo da casa no começo da chuarada e nunca mais. De madrugada parece que alguém ouviu ruídos no quarto, na sala, no corredor. Mas ninguém acordou para ver. De manhã vieram todas as irmãs, menos ela. Não estava no quarto, não havia levado coisa alguma. Foram às vizinhas, ninguém sabia. Foram mais longe, nos dois cantos de estrada onde o arraial começa e termina. E nada. Ninguém viu, ninguém conhecia o que teria havido. Alguém lembrou de ir ao cemitério, quem sabe? não estava lá. Não estava. Buscaram rastros, sinais pelo caminho e nada também.

Então o moço foi embora sem dizer qualquer palavra. Da casa, viram-no tomar a estradazinha abandonada e esquecida depois que fizeram outra, mais curta, mais plana, entre o arraial e a cidade mais perto e tão longe, sem subir serras. A mulher dona da casa pensou o que iria fazer ali o moço de fora, no dia de partir para sempre, depois do misterioso sumiço da moça. Então uma imagem ruim, um pressentimento de sonho mau passou por ela. Pois entre olhares do moço e distâncias da moça, ela bem imaginava, faz tempo, que dele para ela alguma coisa havia. Uma, duas vezes quando perguntou, a moça não respondeu. Mas não era assim que ela costumava fazer com as outras tantas perguntas, escolhendo, de muitas, uma poucas para responder?

Chamou o marido, as filhas moças, uns parentes que haviam vindo e foi em busca do moço onde ele fora. À beira de uma pedra grande, ao lado quase da estrada, num único recanto sombreado que por ali havia, estava o moço meio

sentado, meio de joelhos dobrados juntos, no chão. E ele molhava as duas mãos numa água que escorria, e ele soluçava e chorava.

No lugar onde, debaixo do fim da chuva do começo da noite, eles haviam misturado, entre gemidos de doçura e maravilha, os corpos e os balbucios de palavras sopradas sem frases, havia surgido, no mais seco do lugarejo, uma fonte de água límpida e saltitante. De dentro da pedra, do fundo do chão, minava água num quase jorro, escorria pelas areias e buscava caminho entre as pedras. Formava ali o que só os mais velhos do lugar haviam visto: um riachozinho de águas alegres que, mal nascido, já cantarolava e descia em busca de um rio aonde chegar.

Quando pode falar, o moço, primeiro, bebeu da água da fonte e, depois, contou o que aconteceu. Não quis esconder nada, a não ser os gestos do segredo entre eles e que guardaria nos lugares fundos do coração, como se guarda a água fresca, quando a viagem ainda é longa, e ela é pouca.

Ao moço, não se perguntou mais nada e, da moça, nunca mais se soube. Veio toda a gente do lugar ver a fonte do milagre. Alguns pensaram que aquilo iria ser apenas a sobra das águas da chuva que a terra guardou e devolvia. Nada, a noite veio, e a fonte jorrava do mesmo modo. Uma mesma água fria, clara e rumorosa saía com força, de dentro da terra, na beira da pedra, cavava depressa o leito de seu córrego.

Naquele dia, quando veio a noite e todos foram indo embora, o moço de fora quis ficar ainda. *Quem sabe ela volta?* Pensava. Mas logo, não. Ele sabia que a moça tinha ido embora era para sempre. Que havia sumido por onde ninguém sabe e bem quis que fosse assim. Que ela fora como um anjo de Deus e viera ali só para ensinar ao moço onde é que havia água. Que talvez nem tivesse existido, e tudo aquilo foi um sonho que, de manhã, acordou uma fonte de água. No outro dia quem voltou para ver se, de verdade, o corguinho riacheiro continuava vivo, se a fonte da moça jorrava água como antes, viu a fonte, o riacho e o moço sentado ali como quem espera, como quem relembra.

Depois ele foi embora e não voltou nunca mais.

Muito tempo depois, os netos dos netos dos que viram aquilo ainda bebiam da mesma água, a água da “fonte da moça”, como ela se chamou de então para sempre, mesmo quando as pessoas, tanto e tanto tempo depois, mal se lembravam de como foi o que houve.

Como nunca se soube do moço depois da tarde do dia seguinte ao de sua partida, algumas pessoas do povoado gostam de acreditar que acabou voltando para

lugar de cidade grande de onde veio e onde tinha noiva. Que ele casou com ela, e teve filhos, e esqueceu o arraial e a moça da fonte. Mas outros preferem dizer que o moço de longe foi embora, e deixou tudo, e partiu em busca dela. E que ele anda de cidade em cidade e de um lugarejo a outro, em busca de uma moça que terá um outro nome, que é pequenina e tem a pele clara, e de quem ele, um buscador de águas, nunca mais soube esquecer.

A espera do claro

Já somos todos, o homem disse ao outro, de longas roupas escuras. *Podemos ir.*

É tempo, o homem disse de volta. *O que viemos ver não espera. Vamos!*

E se puseram em fila, silenciosos, um atrás do outro, de modo que os primeiros eram todos homens, e também os últimos. Ficaram no meio as mulheres, e elas iam, como eles, em fila, uma atrás da outra, em silêncio.

Muito longe do rio há uma longa serra. Ela seguiria o seu mesmo rumo, se, como os rios, as serras fossem a algum lugar. Pois esses que vão andando primeiro nas terras onduladas e depois por uma trilha sinuosa, montanha acima, vieram juntos da beira do rio. Caminharam todo o dia entre lugares de pouca água e pouca vida, até chegar perto das montanhas. Ali eles se reuniram a outros que chegaram ao mesmo lugar, vindos de outras beiras do mesmo grande rio. Não eram muitos.

Quando começaram a subir, ainda faltariam umas três horas para o crepúsculo. Era quando eles deveriam estar no alto da montanha. Fazia um frio leve de outono, e, sem pressa, um vento ventava os ares do rio. Entre o terreno quase plano ainda e o início da serra, passaram por um lugar de sombras, onde uma mata de árvores retorcidas escondia de todos a luz do sol. Mas não por muito tempo, pois eis que, após andar o começo da subida, já de novo o terreno era limpo e quase deserto de plantas e bichos. Um pouco mais e já não se ouvia o canto dos pássaros amorosos dessas horas antes do entardecer.

Andaram muito morro acima. A subida era longa, penosa, e os menos acostumados começaram a caminhar lentamente, arfando. Um pouco adiante alguns deram sinais de desistir. Ficariam por ali e aguardariam a volta dos outros. *Não*, disse o mais velho, o guia de todos, *viemos juntos e devemos chegar lá todos juntos. Somos um círculo, sem o quê não será possível viver inteiramente o que viemos ver.* Então os menos cansados ajudaram os outros, e havia pressa, porque deveriam chegar ao ponto mais alto antes de escurecer.

Assim foi. Cansados alguns, fatigados outros, chegaram todos juntos e se olharam e olharam tudo, assim tão do alto, com uma grande alegria. Alguns se abraçaram, e começava a ser o pôr-do-sol. Foi quando o mais velho disse a outros

dois que reunissem todos os que vieram ao redor de uma pequena fogueira, que alguém, vindo antes ou em outro dia, havia deixado armada ali.

O lugar no alto do monte não era muito amplo, mas todos couberam nele sem perigos, embora à volta houvesse alguns abismos. Havia um plano seguro e agradável no final do caminho das trilhas por onde vieram, e, visto dali, tudo abaixo era, de fato, deslumbrante.

E se deram as mãos, e no claro escuro do cair da noite ainda era possível ver, nos rostos de todas as pessoas, a emoção estampada. Foi quando o mais velho tomou a palavra e disse assim aos outros e a tudo:

Saímos de longe e estamos aqui. Aqui, reunidos neste círculo, de mãos dadas à volta deste fogo. Deixamos as nossas casas e não viemos fazer nada além do que já existe em nosso coração e na ordem das estrelas. Sabemos todos - e por isto estamos aqui - que uma misteriosa força da matéria da vida e da energia dos astros nos une neste instante como irmãos em busca da mesma luz. E ela nos mergulha no próprio Espírito do Universo, no mistério do Cosmos. Por isso viemos aqui e aqui estamos.

Não somos magos e não conhecemos exorcismos nem invocações. Estar aqui já é o nosso milagre. E ele é todo o nosso poder. O sentimento de que cada um de nós e todos juntos pertencemos a isto que está acontecendo e de que seremos testemunhas do que dentro em pouco irá acontecer é toda a nossa magia.

Se alguma coisa viemos te pedir aqui, Espírito do Universo, que estás presente em tudo, como dentro do coração ardente de cada um de nós, reunidos aqui em teu nome; se algo te pedimos, nós, filhos da matéria, é que apenas seja como deve ser e aconteça o que viemos aqui ver acontecer. Assim seja.

Priva-nos dos bens que não são nossos e possuímos, mas dá-nos um coração aberto à maravilha do que está para se passar ante os nossos olhos. Não somos mais nem melhores do que cada uma fração de tua presença em tudo o que existe: um grão da areia que pisamos, uma pequenina flor desabrochada hoje e seca amanhã, o vôo de uma ave, o silêncio desta hora. Bem sabes que, se há um mérito em nós, ele é o amor que nos trouxe aqui para sermos testemunhas do que irá acontecer. Ajuda-nos a viver isto, é o que te pedimos.

E se calou. E as mãos se separaram, e todos, então, se voltaram para o mesmo lado, de onde agora, no já quase escuro, uma tênue luz cor do ouro emergia da terra. Do lado de onde, um dia, o rio chega ao mar distante, a luz esperada começou a clarear pouco a pouco os olhos e os rostos.

Então juntos, silenciosos e reverentes, tomados da maravilha e da emoção de quem veio de longe viver o que começava a acontecer, os que vieram viram nascer, ao longe, a Lua Cheia.

o canoeiro

*Não já em seu cálice
mas em nosso nariz
é que está o aroma*

Moritake

Escuta. Eu vou embora. Que você não se espante. Um dia, você sabe, eu também, eu iria mesmo embora. O dia é agora.

Deixo com você a canoa e os remos, pois eu vou a pé, pela estrada. Deixo a tralha de pesca e o rancho. Deixo tudo e este lenço branco. Quando eu acabar a história que é minha, e você nunca soube, você saberá por que eu vou embora e vai saber o que deverá fazer com este lenço que eu deixo em sua mão. Eu vou embora, você fica, amigo, se quiser. É a sua vez.

Eu era um pescador, faz muito tempo. Moço ainda, vivia a minha vida pobre e farta, livre como essas aves que voam sobre o rio. Vê? Vi meus irmãos, primos e meus amigos cumprirem as regras de preceito entre a nossa gente barranqueira. Eram moços, menos do que eu, e buscavam mulher, e casavam, e tinham filhos, e pescavam, e viviam as suas vidas presas como árvores em algum lugar da beira deste rio.

Eu não. Sonhei ser o mais errante de todos. Como eles, um pescador, mas sem casa e sem família, sem capela e sem lavoura. Errei os mundos que há de Pirapora à nascente deste rio, de Pirapora ao lugar onde ele vira o mar e não se acaba mais.

Aprendi a ser só. Se tivesse, amigo, bem mais da fé que eu tenho, seria um beato, um ermitão de vastas santidades. Preferi ser um homem simples e vivi, de minha crença, a minha medida: a cada dia bastava o seu peixe, e a ninguém eu quis fazer o mal. Agradecia a um deus que era Pai, Cristo, a Terra e o Vento pelas dádivas de cada instante, não pensava na morte mais do que penso no que haverá depois de cada curva deste rio. Um dia uma delas me levará a outras águas, e tudo será como sempre ... lá, aqui.

Fui feliz? Não sei. Essas são palavras em que se pensa quando se vive de comparar o gosto de um peixe com o de outro. Eu comia de todos, sem pensar. Fui sereno, sim, por alguns anos. Foram bons. Depois não sei quem fui aqui,

barranqueiro, o mais quieto dos homens, entre as duas margens deste rio. Há uma terceira? Onde? Fiz da canoa a vida e, de qualquer lugar onde pudesse acender fogo e dormir um par de noites, a minha casa. De vez em quando, se o desejo dos outros era forte, eu parava o barco em uma beira de cidade e me deixava ficar ali alguns dias. Pousava entre amigos ou desconhecidos que se tornavam rostos de amigos também, mesmo que nunca mais viesse a vê-los, como aconteceu quase sempre. Quando era preciso comprar um bem dos homens, costumava pescar um pouco mais que os peixes do alimento do dia e os vendia. Sempre tive tão pouco.

Nunca amei mulher alguma, até vir aquela que me deixou aqui. Quando antes o corpo precisava, buscava as mulheres que se dão por moedas e ficava com uma um par de horas. Das trocas daqueles carinhos, eu me despedia sem saber o nome, sem conhecer a vida ou guardar o rosto de quem me havia acolhido. Queria viver sem lembranças para nunca precisar voltar. Não voltava nunca. Minha mãe, faz muito tempo, falava de saudades. Gravei a palavra, mas nunca senti. Nem o vento do rio era como eu, errante.

Um dia cheguei aqui. Vinha de um março pobre de peixes, a enchente de São José havia passado com grandes chuvas. Aportei a canoa e decidi tentar a sorte na beira desses ermos. E ela me veio tal como eu não esperava. Foi assim.

Nos dois primeiros dias, não pesquei nada, mas, na tarde do segundo, matei um tatu canastra e comi da carne dele, embora nunca tenha gostado de matar e comer os bichos de penas e os de patas. Este é um lugar ermo, você sabe. Pela estradinha que o rio separa em duas quase não passa ninguém. Há duas passagens de balsa, bem rio acima e um pouco mais longe, rio abaixo. Você as conhece bem. Por aqui passam uns poucos viventes. Gente quase perdida de outros rumos, ou as pessoas que tenham o que ver com as fazendas de um lado e do outro do rio, na Bahia e em Minas Gerais. Às vezes alguém vem desde quando estou aqui, e eu, sem saber, me tornei o barqueiro de uma longa espera. Pois antes as estradazinhas de uma margem e da outra só serviam a quem aportava nelas de barco ou de canoa e tomava o seu destino a pé, nesses sertões, sem, até mesmo, um povoado perto. Essas larguezas distantes dos homens.

Fiquei por aqui contente de estar só, como quase sempre. Mesmo pescando pouco nos outros dias, nem sei por que fui-me afeiçoando a este lugar. Esta beira mansa de barranco baixo, estas árvores de fruta que, algum dia, alguém plantou, colheu e foi embora. Estas ruínas de casa antiga, pequena e sólida, onde eu mesmo nunca quis morar. Esta nascente de água fria que passa por aqui, na beira do rancho

que acabei fazendo para ser a casa que deixei de ter quando, um pouco depois de ser menino, saí da minha e fugi para a vida pelo mundo. Fui ficando.

Mas veio a manhã de um setembro, e eu me disse: *Vou embora daqui antes das chuvas*. Fui pescar, então pesquei mais do que precisava para um dia e o outro. Meu pecado. Fui depois ordenar as poucas tralhas que iriam comigo. Quis deixar o meu rancho arrumado, de modo que um qualquer outro encontrasse nele uma morada para uma noite ou para sempre. Eu mesmo não iria voltar nunca mais, pensava. Iria embora no escuro do antes da manhã do outro dia. Não fui. Fiquei.

Pois nessa manhã me aconteceu em um momento o que estava guardado para ser assim desde muito antes, e nunca antes me havia acontecido.

Mal eu preparava a canoa para ir embora, veio pela estrada uma moça. Quem? Naqueles ermos. Por quê? Naquela hora tão cedo, tão no escuro-claro ainda? Ela veio e só disse: *Você me passa?* Calei. Não disse nada. Fiz com a cabeça que sim e, como quem dá a mão direita a Deus, ajudei a moça a entrar na canoa. Remei lento, sem dar conta de mim. Ela olhava o rio e, de quando em vez, me via. Como não dissemos nada um ao outro o tempo todo, eu me perguntava se aquilo era isso, ou se era um sonho, uma miragem, não sei ...

Descobri o amor sem tréguas atravessando uma moça pelo rio. Ela saltou e foi embora, e não foi, pois ficou aqui comigo. Aqui, onde eu bato com a mão fechada, dentro do peito, no ardor da carne, no coração de sofrimento, este tempo todo. Paguei do sofrimento da falta o pecado de nunca haver querido amar a vida inteira.

Quando a canoa encostou na outra margem, ela se pôs de pé, eu lhe dei a mão de novo e disse: *Não vá!* E ela respondeu assim: *Eu vim pra ir. Eu vou.* E eu disse: *Pois então eu vou também, porque já desde agora sei que não vou saber viver mais sem você.* Ela nem me riu e respondeu de novo: *Não, você fica aqui, de barqueiro, e eu vou.* E deixou na minha mão um lenço branco com um perfume que o tempo não desmanchou nunca.

Ah! Eu quis gritar de desespero. Mas, nada. Só disse a ela de novo e outra vez que ficasse. Que eu viveria com ela, serviria a ela em tudo. Falei de meu desejo e disse uma vez e mais sete a palavra “amor”. Então ela sorriu e aí disse: *Amor? que rio é esse?* Não sei em nome do quê, eu, ardido na carne como em fogo, não agarrei pelos ombros aquela mulher desconhecida, e não arrastei ela para dentro do arvoredo, e não me servi de sua graça, como quem bebe até secar da água do poço que cavou com as mãos. Não fiz nada. Só calei e olhei de novo os seus olhos, como quem suplica.

Foi e, antes de ir, ela me disse: *Você fica aqui, barqueiro. Eu vou e, um dia, eu volto. Se você ficar aqui por mim, sem ir embora nunca, quando eu voltar eu serei sua. Serei... você me espere.* E se foi, e eu voltei à minha margem, e fiquei.

Cumpri como a moça disse. E de então - quanto tempo? quantos anos de minha vida? - até ontem, fiquei aqui, pescador, canoeiro, barqueiro da viagem de uma margem a outra do meu rio. Terá havido um dia de cada ano desses todos? Terá havido uma hora fora do sono em que eu tenha deixado de olhar a margem de lá à espera? Esperava o quê? Um aceno de lá. Um grito. Uma voz que, afinal, falasse: *Você viu? Cumpri. Sou sua. Você me busca?* Por esses anos todos, eu ia, como quem viaja para dentro de si mesmo. Mas esse instante não houve nunca. Até hoje?

Fiquei aqui, canoeiro, destino que eu me dei de esperar. Como quase ninguém vem, fui pescador, como sempre fora. Só que me prendi aqui, não viajei nunca mais. Tracei meus limites. Todo o rio que eu subia, todo o rio que eu descia haveria de ir só até o lugar de onde eu pudesse avistar minhas beiras d'água e o meu rancho. Vivi, como um pobre, a solidão da dor da espera. Mas aprendi.

Todos esses anos, viajei para mim mesmo. Fui errante e, dentro de minha alma, eu fiz um meu rio sem porto. Me naveguei outonos, envelheci agora. De tão só que eu era, serenei inteiro e, de um tempo em diante, nem mais a dor da falta da moça eu não sentia. Queria só que ela voltasse porque disse. Queria estar aqui quando viesse. Queria ver a moça. Me ver nos olhos dela, como quem vai a um poço longe e vai sem sede. Como quem chega só a um lugar, apenas pelo desejo de olhar, no verde da água, o seu rosto e o céu acima. E volta sem beber e sem a sede de haver ido. Queria estar quando ela voltasse.

Seria a mesma? A mesma moça? Teria, como eu, envelhecido e era quem agora? Ou teria viajado longe e conhecido alguém? E casado e tido filhos, como deve acontecer com as moças dessas beiras? Estaria eu esperando quem, desde sempre, nunca haveria de vir voltar? Fiquei. Quando o desejo virou uma espécie de saudade, foi por sentir isso que dantes eu nunca não sentia que eu fui ficando.

Por esses anos, passei gente de uma margem a outra. Aprendi este ofício de ser útil. Que nunca me pagassem, eu dizia, pois, para os meus dias, bastam os peixes do meu rio e os frutos da terra de março e de setembro. Agora você veio com a Lua Cheia do começo do inverno, e é tempo de eu ir.

Ontem, quando você, amigo, estava distante, entretido de pescar rio abaixo, um homem velho de bota alta, terno claro e guarda-chuva, um estranho viajante a pé, me falou da moça. Disse: *Ela vem vindo e mandou dizer que vinha.* E foi embora.

Fiquei pasmo com o remo na mão. Olhei um lado e outro do rio, como quem acha que toda a história começa de novo onde parece que ia acabar. Mas logo, não. Serenei. Sentei ali mesmo, na sombra da margem, deixei que o meu rio me dissesse o que fazer. Não precisei pensar. Quando levantei do chão, tinha a decisão de ir embora pronta, sem dizer palavra alguma de mim a mim mesmo. O que é grande, que seja em silêncio.

Esperiei esses anos todos por quem disse que viria, e não voltava. Agora que ela veio, eu vou embora. Medo? Não, nenhum. Tive sempre pouco dele na alma e, envelhecido, tenho menos. O que eu tinha de cumprir está completo, é hora. Você fica. Amanhã, quando uma mulher sozinha aparecer na outra margem, você vá e atravesse. Se ela não disser nada, não diga nada. Se perguntar por mim, ela que nem sabe o meu nome, dê de volta a ela este lenço e diga: *Ele ficou para ir e foi embora.*

O menino, Francisco

Ele fugiu do sono pela porta aberta e sentou na cama num repente, no meio da madrugada. Acordou sem sonho. Não saiu de pesadelo algum. Só uma idéia, uma ideiazinha de nada entrou no meio do sono e pôs o menino sentado na cama.

Então houve mesmo um homem, Francisco? Então foi mesmo como o padre disse na missa, no dia da festa dele, ontem? Ele fez assim: foi tirando a roupa no meio da praça e deu tudo pro pai. E saiu nuinho embora. E foi indo e indo, e juntou gente, e cada um dava de seu o que tinha. Os brinquedos também? E se ajuntaram numa igreja velha. E rezavam muito por tudo o que há. E foram indo por caminhos, qualquer um. Foram. Foi assim? Esse um, Francisco, como eu?

No escurão da casa grande da fazenda de onde era, o menino, Francisco, saltou da cama e acendeu o lampião devagar, devagarinho, para que ninguém dos irmãos acordasse. Foi ao canto do armário que era seu e recolheu, um a um, os brinquedos.

Depois foi de cama em cama, como quem, antes de fazer o que ia, já soubesse de cor tudo o que ia fazer. E à beira da cama de cada irmão, foi colocando um brinquedo: a bola, o carrinho, a peteca, o jogo de armar fazendinha, o dominó, o pião, o saquinho de bolas de gude, o palhacinho de pano, o marionete vestido de pirata, tudo. Depois buscou, na gaveta da cômoda, as coisas de colégio. E foi pondo, junto do brinquedo de cada um, um lápis, uma borracha, a cartilha, o apontador e todas as coisas.

Logo foi ao armário. Escura a noite de novembro, e só lá fora os sapos e os grilos tocavam orquestras. De uma a uma, foi apanhando as blusinhas, a roupa de domingo, as meias e as calças, os dois calções de tomar banho no rio, os sapatos todos e tudo. Ajuntou numa trouxa só. No maior silêncio que podia, desceu, com a trouxa e o lampião aceso, as escadas da casa grande. Pai e mãe dormiam, sem conhecer nada dessa grande história que ele ia começando.

Saiu e foi andando, carregava as roupas e o lampião, até quando chegou à casa da família dos empregados da fazenda do pai. À porta, foi deixando as roupas para os meninos, amigos de brincadeiras nos outros dias de então. E tirou mesmo a roupa dele e o sapato, e deixou ali, tudo junto.

Nu como era, foi andando até a beira do rio, Francisco, como o outro, santo, e, como ele, um meninozinho do sertão. Na frente das águas escuras, onde as estrelas vinham lavar o rosto, ele parou e disse: *Meu Deus, me leva pra onde for*. Escolheu, ao acaso, uma direção entre as duas do rio e começou a andar embora. E foi. E longe a alma do dia clareava.

Memória do rio

estamos todos à beira do amor

Clarisse Lispector

Foi quando o velho veio e sentou, pela última vez, numa pedra à beira do rio.

Desde menino, morador naqueles barrancos por onde o São Francisco passa quase saindo de Minas, chegando à Bahia, ele costumava vir na hora já de tardinha e ficava tempos olhando e ouvindo o rio. Falando com ele?

Quando já era bem escuro e não se via quase nada, ele gostava de fechar os olhos e ficar em silêncio, ouvindo a volta. Ouvindo o rio. *O rio me fala*, ele dizia em casa, num rancho perto. Os outros riam com carinho, a mulher, o genro, a fieira de filhos e filhas, mais os netos já eirados, quase todos. Risonhos, carinhosamente debochados. Menos o mais moço. Esse, um meninozinho ainda, pegava o avô pela mão, levava ao terreiro e perguntava: *O rio falou? Ele falava? Vô, me conta*. E o avô fazia com a boca os barulhos do rio, o cantório das águas mansas. Depois dizia: *Agora escute, ele falou assim*. E contava casos dos fundos da água.

Vinha sempre quando podia, ano depois de ano. Mas agora, ele sabia, era uma última vez, pois sem saber bem por quê, o velho pressentiu que não voltaria mais. Foi quando, pensando para si mesmo, mas como quem fala com o rio, ele disse estas palavras de modo lento, quase murmurado: “Os outros esquecem. Mas eu não, meu rio. Desde menino, guardei tudo dessas beiras. Dei de não esquecer. De tudo o que aconteceu, eu me lembro, e é como se estivesse de novo, meu São Francisco, acontecendo agora.

“Quando foi a primeira vez que eu vim aqui sozinho te ver... te ouvir? Quando foi que comecei a aprender que os rios falam com os homens, quando se esquece a língua das pessoas e se apura o ouvido da alma para escutar a fala dos rios? Levou tempo, eu lembro. Primeiro foi preciso aprender o silêncio... ele me custou tanto. Eu vinha criança com os outros, e a algazarra da gente fazia fugir os passarinhos e os

bichos da areia. Calava o teu silêncio. Menino gosta de todos os barulhos. Menino pensa que, gritando para os outros, espanta os medos do mundo.

“Um dia eu vim sozinho. Era uma hora como agora e igual como hoje, meu rio. Um sol de maio tingia de laranja, depois de vermelho e roxo, o rosto do sertão longe, para além das serras, aonde eu nunca fui. Foi a primeira vez que nós ficamos os dois aqui, e foi quando um silêncio veio, e eu quis ouvir o que eu via sem escutar coisa alguma, só com os olhos presos na cor do fim da tarde refletida no pano das águas. Gostei de voltar muitas vezes, menino ainda, crescendo nessas beiras de milho e mandioca. Foi preciso esperar o tempo, amansar o corpo dos desejos para começar a serenar os sentidos e aprender a te ouvir.

“Nessas beiras se dorme cedo. Minha gente, antes de o sol sumir, lavava do corpo os sinais do trabalho, comia com pressa e ia deitar. Eu não. Já de menino aprendi a gostar de vir aqui na beira do rio e na eira da noite. Sentar nesta pedra e esperar o escuro, como quem acorda. Foi quando aprendi a olhar o teu passar e ver somente o que permanece. Há um rio que está sempre imóvel dentro de um rio que passa. Aprendi, com o tempo, a olhar o lado de dentro, como quem olha a roupa e vê o corpo. Como quem olha o corpo e vê a alma. Como quem olha a alma e vê o quê, meu São Francisco?

“Depois fui aprendendo o segredo do silêncio. Ouvir, primeiro, no cair da tarde, o barulho de todas as coisas. Depois, desouvir algumas, tantas, escutar só o som das outras. De toda a algazarra da passarada, escutar o canto só do reino dos sabiás. Depois, de toda a gatinha dessa espécie, escutar o som apenas dos sabiás-laranjeiras. Depois, ainda, de todos eles, firmar o pensamento do ouvido e esquecer de ouvir todos, menos um só no meio dos outros. E depois, ainda, colocar esse canto dentro de mim mesmo e me ouvir, pássaro, um sabiá-eu cantando para o fim do dia.

“Então, eu te ouvi. Como é que um rio fala aos homens? Ele fala? Quando aconteceu, não houve nada. Não ouvi nada. Teu murmúrio cessou nos meus ouvidos, e, por dentro de mim, eu escutei o rumor, sem som algum, da tua alma. Os homens de toda a parte pensam com idéias, eles falam com as palavras. Estão sempre fazendo coisas novas, dizem. Eles pensam sem o sentir e imaginam que sabem de tudo, menos do todo. Mas os seres da vida sentem com as imagens e falam o sentimento. Por isso eles sabem o que você foi me contando, meu rio. Que o vôo de um pássaro move o mundo, porque é preciso que tudo esteja entrelaçado em harmonia em toda a parte, para que um filhote de arara possa ensaiar o seu primeiro vôo. E quando ela voa, tudo o que há voa com ela.

“Uma folha seca caiu agora nas tuas areias, viu? Com pouco tempo ela volta a ser a terra, assim como a terra é a água, e a água, a ave, e a ave, a estrela, e a estrela somos, meu rio, você e eu. Isso eu fui sabendo de tanto te ouvir no silêncio de nós dois.

“Depois cumpri o teu mandado. Dizia às pessoas da casa sobre os dons da vida. Que houvesse, de então em diante, um amor exagerado, porque ele é sempre pouco. Saía por aí, por essa beiras, como um romeiro, como um beato. Que todos soubessem o que eu aprendi. Que se colhesse uma fruta da árvore, como quem recebe a hóstia na missa de Domingo. Que se plantasse o milho, como quem faz uma casa. Que se deixasse vivo o que é vivo, porque tudo morre um pouquinho em cada um ser que se acaba. Ah, as pessoas ficassem sabendo que o rio existe sem nós e nos dá tanto! E soltava os passarinhos das gaiolas, e, dizem, me viram conversando com os bois.

“Esses anos todos, plantei árvores nas tuas beiras. De dia eu saía com todos e me dedicava ao nosso ofício: arava a terra, semeava o milho, fazia as limpas, colhia os frutos, debulhava. Arrancava da terra as raízes da mandioca, o pão dos pobres. Até pescava. Não gostava, meu rio, de roubar os teus peixes das águas e da vida, mas ia com os outros, a minha gente, a nossa vida. Quando era o tempo das queimadas, eles me viam como um inimigo, até os meus irmãos. Eu lhes dizia: ‘No mundo que Deus criou, as plantas nascem com as plantas. Crescem juntas, e umas dão sombra boa às outras. Quando umas morrem, deixam, na terra onde apodrecem, a própria terra negra, escura, cheia de vida. Derrubar não é preciso! Não é preciso queimar a vida para semear a vida. Deixem que ela própria faça isto, quando for o tempo.’ Riam. Achavam graça. Alguns diziam: locou, endoideceu, tá variando antes da hora. Eu não calava. Iam com as suas foices, machados, os seus fogos. De longe eu via as fumaças e sentia na pele o calor da morte.

“Mas quando terminava o meu dia de trabalhos com os meus, você me via por aqui, andando pelas areias das margens com os bolsos cheios de sementes. Catava no mato as que caíam. Guardava debaixo da cama, bem amarradas, segundo as suas diferenças. Esperava vesprar as chuvas. Saía semeando. Me viam entretido aqui e ali, corrigindo uma arvrinha de dois palmos, podando outra, juntando a terra boa nos pés de alguma, socorrendo as que os ventos de agosto ameaçavam derrubar. Me viam. Uma vez um disse: ‘Pra que isso? Trabalho inútil. Planta boa é só a que dá o sustento.’ Eu calava, respondia: ‘Umam sustentam a tua vida, outras, a de todos nós.’ Um outro disse: ‘O que é que você está fazendo, plantando mato onde é

mato?’ Eu respondi: ‘Estou cuidando da casa de Deus.’ A mulher dele disse: ‘Pois vá ajudar os outros a arrumar a capela de São Jorge que anda caindo. A casa de Deus é lá.’ Eu respondi, manso: ‘Deus é aqui.’ Se foram, como os outros. Fui aprendendo, com os bichos, a cuidar do mundo. Fui sempre tão sozinho.

“Falei tanto e coisa alguma. Quem me ouviu? Não sei. Meu netinho mais moço, que me faz perguntas e diz: ‘Avô, eu creio.’ Algumas crianças de por aqui, contava para elas à minha roda: Sabiá preso na arapuca é um pai, é uma mãe que veio depressa à beira do rio buscar comida pros filhotinhos. É uma gatinha de família igual a nós. A mãe é presa na gaiola, os filhotes morrem no ninho. Será que o canto triste de uma sabiá vale tanta dor?’ Alguns me ouviam, e eu vi arapucas quebradas nos cantos dos quintais.

“Um bando de romeiros de rio-abaxio, a caminho de bom Jesus da Lapa. Acenei quando iam embora daqui. Gritei de longe: ‘Deus está lá, mas está aqui também e em toda a parte!’ Um deles se voltou e disse: ‘Pois então venha com a gente!’ E eu disse: ‘Não! Eu estou na Lapa!’ E apontei, com as mãos, o rio e o mundo. Eles se foram. Um deles levava uma cruz pesada nas costas. Que árvore morta dos campos do Senhor serviu para aquilo?

“Um dia de Domingo, vieram ao povoado uns padres de roupa diferente, marrom, e de sandálias. Um deles falava misturado com uma língua de outras gentes. Vieram pregar as Santas Missões. Desses, de um eu fui ficando amigo. Você viu. Às vezes a gente vinha juntos aqui nas beiras. Então ele se esquecia de falar dos santos e se falava de rios. Ele me contava, como quem lembra, como eu: ‘Na minha terra, também desses rios tem por lá. Menores... meus rios de menino.’ Quando soube como eu era, leu para mim, um dia, uma oração comprida, que o santo que te deu o nome e inventou o povo desses frades disse. Me deu o livro onde havia dela e falou: ‘Leia’. Eu não sei ler, mas pedi a ele que me repetisse as muitas vezes. Era um homem bom e foi embora com os outros. Mas, antes, eu aprendi a oração. Quis esquecer as outras, menos o Pai Nosso. Quando vinha um padre, de vez em quando, nas desobrigas, eu tomava coragem e pedia: ‘Reze pra nós aquela, a do Cântico.’ Nenhum sabia, e um deles me disse: ‘Aquilo são poesias. Reza é pra pedir a Deus, pra suplicar o perdão dos muitos pecados, pra afastar o Demo e fugir das tentações.’ Eu respondia: ‘E os pecados que ainda não têm nome?’ Ele me disse e a todos: ‘Pois esses não existem.’ E se ia. E o meu povo queimava os matos.

“Da reza do frade de longe, eu gostava de fazer improvisos. Em casa, de vez em quando, de madrugadinha, ou então aqui, em horas como agora, dessas. Assim.

Deus, Pai de todas as coisas e de tudo o que é vivo. Recebe o nosso louvor, mas antes dele, a nossa alegria pela vida que nos irmana.

Que sejas louvado pelo canto da vida, dos rios, dos montes, dos bichos, das flores e até dos homens pelo amor com que criastes todas as criaturas.

Primeiro o sol que vem toda a manhã e nos deixa a noite. Porque ele tudo alumia e semeia a vida. E ele é belo, e a sua luz nos deixa ver a beleza de tudo o que há de bom. Se vens da luz, Pai, ele é o teu melhor espelho.

E bendito sejas pela lua, nossa irmã, mais todas as estrelas do céu, tão claras e formosas na noite, porque aí as deixas estar, para que até a escuridão nos maravilhe.

E que sejas bendito com a música das flautas, pelo vento, nosso irmão viajero, e pelo ar do mundo, quando o vento pára e adormece, o nosso primeiro alimento.

E pela água, Pai, sejas louvado. Pelos rios que são o caminho das águas, que semeiam o verde e a vida por onde passam. E por todas as outras águas, onde estejam, nos lagos e nas nuvens, nos riachinhos e nas fontes. Que outra coisa mais sábia e mais bela criastes do que uma fonte de água pura?

E pelo fogo, és bendito, e pela terra que o fogo seca e a água vivifica. Dali vem a semente e vem o fruto. E ela nos nutre e nos lembra: somos terra.

Bendito sejas pelos que sabem disso e cuidam do ar, do fogo, da terra e da água, como se fossem o teu próprio corpo na água e na terra e a tua alma no fogo e no vento.

“Isso, desse jeito ou de outros, parecidos, eu sempre gostava de rezar. Rezava à vida falando com Deus. Não foram sempre a mesma coisa?”

“Agora estou velho. A filha morreu quando veio o meu sexto neto. Eles cresceram e alguns foram embora. Os que ficaram acham que eu perdi o juízo. Que eu endoideci com o tempo. Será? Isso é o quê? Eu aprendi de te escutar, meu rio, o que era para homem nenhum não ficar sabendo? Devia calar? Não! Pois você mesmo me pôs dentro da alma essa missão. Falar aos meus essas coisas, pois, de tanto falar para não ser ouvido, eu calei de dizer aos homens e me acostumei a conversar com os passarinhos. Resolveram me levar para longe. Dizem que há por lá um hospital

para gente como eu. Que há bons médicos, e eles vão cuidar de mim melhor do que a minha gente aqui nessa beira-rio. Me resignei e vou. Por isso vim aqui.

“No fundo é a mesma coisa. E não será tudo por causa disso? Por ser assim: quem aprende a ouvir a vida, fica difícil falar a voz dos homens. Conheci um outro, homem hoje velho como eu, de rio acima. Com ele, foi o contrário de mim. Pois tendo nascido beradeiro, saiu moço pelo mundo e andou todas as terras. Conheceu o longe do mundo e viveu sete vidas numa só. Depois veio a essas beiras de volta. Não no lugar de onde ele era, mas um outro. Ali ficou para ser velho barqueiro. Num lugar sem pontes, ele vive de levar as pessoas na canoa, de um lado ao outro.

“Comigo é avesso. Nasci aqui e vou embora agora, velho, viver junto de gente estranha, longe do rio, e morrer, quem sabe? rodeado de outros como eu, que costumam conversar com rios e passarinhos. Vou. A vontade dos meus é o meu destino. Mas você, meu rio, vai comigo. Vamos juntos, você e eu, que agora, velho, me chamo, como você: Francisco.”

SÃO FRANCISCO
MEU DESTINO
Parte II
Cantório, falatório e gestuário
em um ato e uma cena

os personagens

(Que não precisam ser exatamente estes, que podem ser criados, outros, para cada vez, principalmente no caso dos bichos.)

a Água do Rio
a Alma do Mundo
a Terra Mãe
a Irmã da Vida
o Caboclo d'Água
Mãe d'Água
bichos do rio
bichos do mato
bichos do cerrado
outros bichos
e os pássaros
Pássaro do Vôo Longo
Bicho-Homem
(cuidado com ele)

ato um,
cena uma

Madrugada ainda. O dia mal começa a clarear. Alguma luzes, em um lento iluminar de sete cores, sugerem que a noite vai dando lugar a uma clara manhã.

É numa ilha grande, rodeada de praias, no meio do Rio São Francisco. Há apenas uma grande árvore de folhas caídas no inverno. Ruído em crescendo de pios de vários tipos de pássaros e, mais longe, de outros bichos do mundo do rio.

Imóveis, formando um quase círculo completo, porque ele é aberto para o lado da platéia, ali está um lindo e curioso grupo de bichos e seres do rio. Podem ser escolhidos em cada situação, mas não esquecer alguns pássaros grandes, o urubu inclusive, as garças, o surubim, a tartaruga, o dourado, a onça, as araras e outros. Mais o Caboclo d'Água, a Mãe d'Água e outros seres.

Eles estão encolhidos, imóveis, com se dentro do sonho de um grande sono. Alguns, acordados de pouco, simulam os cantos e pios que ouvem crescer.

De repente, como quem vem de muito longe, voando e vendo tudo do alto, aparece um grande pássaro, o Pássaro do Vô Longo. Ele chega correndo lento, simulando um vô agora baixo. Pára, sem pressa, no meio do círculo, volta-se para os seres, bichos e outros a volta do círculo e, depois para a frente, em direção a quem está mais longe um pouco, na platéia: você, que agora nos lê ou vê.

o Pássaro do Voo Longo

De tão longe eu venho vindo! De tão longe eu venho vindo!

Esse rio de águas grandes, rio do meu destino, vocês nem imaginam. Nem de longe... Ele nasce noites e dias de bater as asas distante daqui. Molhei as penas das minhas asas nas primeiras gotinhas dele. Um fio de águas claras, um fiozinho de orvalho correndo no chão do Sul. Depois, adiante um pouco, ele recebe o Dom de outras agüinhas e, de repente, dá um vô de véu de espuma num lugar que o bicho-homem chamou de Casca D'Antas. (*sussurrando, olhando pros lados*): bicho estranho aquele. Existe dele por toda a parte. Não voa, não faz ninho, não tem penas e, às vezes, nem tem pena. Gosta de dar nome a tudo e gosta de mudar tudo o que existe: planta, água, bicho, ele mesmo e o mundo

Pois de tão longe eu venho vindo! De tão longe! Voei noites e dias e dias deste rio das águas grandes. Num lugar depois de tudo, esse rio acaba a viagem. Molhei as minhas asas onde ele já não é o rio de São Francisco e ainda não aprendeu a ser o mar. Águas verdes, misturadas, de um gosto estranho.

Voei dias e praias, noites e beiras, barrancos e chuvas. Tardes de sol vivo e restos de matas nas duas beiras. Voei o silêncio e o vento, o cerrado duro depois do sertão de Minas e as caatingas nordestes pra além da Bahia. Voei do alto, sobre as casas e as cidades dos homens. Voei, com muitos medos, os lugares sem fim onde uma margem das águas não avista a outra. Lugares de águas presas, tristes águas de represas que os homens inventam pra fazer a luz. Estranhas as luzes que os homens gostam de acender.

E agora que eu voltei desse meu vôo sem fim, quero contar pra vocês o que foi que, do alto, eu vi.

(Ele se volta para os seres do círculo e faz como se fosse iniciar uma longa narrativa. Mas, antes de falar, é interrompido pelos seres do círculo, ora em coro, ora em solo, ora mesmo em duetos, ora em jograis. Isso deve ser feito de acordo com a imaginação de cada vez.)

os seres do círculo

Tinha de tudo, não tinha?

Tinha tudo o que era vivo dos dois lados deste rio.

O que você viu foi agora. Foi hoje de manhãzinha.

Mas “antes”, o que é que havia dos dois lados deste rio?

O que é que havia antes, dentro das águas do rio?

(Atenção de novo: esta longa parte pode ser dita de várias maneiras. O texto acima pode ser falado ou cantado, em coro, por todos os seres do círculo. E a longa “ladainha das árvores” que se segue, pode ser jogralizada. Pode ser falada ou cantada, ora por cada um dos seres, ora por cada um dos bichos; pode ser dita ou cantada por pares, por trios e assim por diante)

Mata, mato e mataria
de Sergipe a Pernambuco
de Minas até a Bahia.
Tinha Angico e Buriti
Sucupira e Ingazeiro
Vaqueta, Angico e Oiti
Carnaúba e Cajueiro
Gonçalo Alves e Umbu
Cabeça de Negro, Pitomba
Unha de Gato e Jurema
Siriguela e Araticum
Noves-fora, tinha muito
e agora quase nenhum.
Sabonete de Macaco
Cagaita e Oiricuri
o Pau D’Arco e o Pau d’Óleo
Tamarindo e Juazeiro
Caraíba e Embaúba
Capitão, Mandacaru
Coroa de Frade, Mangueira

Jaqueira, Abio, Carambola
 a Pitomba, a Fruta-Pão
 Barriguda, Jabuticaba
 Pitanga, Puçá, Jambolão
 (quem resiste a uma manga
 florescida em setembro e
 caída em janeiro, no chão?)
 Assa-Peixe e Macambira
 Amansa Vaqueira, Pequi
 Maminha de Porca e Amora
 Flor de Cigana e Embira
 Gabiroba, Sabugueiro
 Cajazeira, Umburana
 Pau-Bosta, Mutumba, Favela
 Jambo, Cedro e Murici
 a Quixaba, o Amarelinho
 com sua flor amarela
 Caruru e Jatobá
 Pindaíba e Pajeú
 Tamboril e Pau-Pereira
 o Jacaré e o Araçá
 Mangue, Peroba e Embu
 O Pau Ferro e a Jurema
 Jequitibá e o Ipê
 que flore ouro no outono
 Jacarandá e o Abio.
 Dos dois lados desse rio
 havia um mundo de verde
 pra se viver, pra se amar
 pra se comer, pra se ver
 e agora, sobrou o quê?
 Cantamos tudo o que tinha
 nas beiradas deste rio.
 Se você lembrar de mais
 agora canta você!

o pássaro

E os bichos do mundo, na beira do rio?
 Quem sabe quais eram?

E quem conta quem havia?

outro pássaro

Meu irmão de vôo longe
Havia um tempo, era ontem.
Era ontem, quase agora:
cada cor tinha o seu pássaro
e no ar do São Francisco
as suas águas refletiam
o amarelo e o azul
o verde, o marrom e o lilás
violeta, cinza e ocre
o branco e seu irmão preto
cor de missa e romaria
cor de dia, cor de cobre
prata e ouro, cor da noite
cor de fogo e fogaréu
cor do quente e cor do frio
cor do que há e não há
do que já teve e havia
nas barrancas deste rio
cor de semente, de vida
brilhando no chão do céu.

os pássaros do círculo

(De novo, em solos, duetos, em jograis, em coro de todos juntos, cantando para os outros do círculo e para a platéia.)

Manuelzinho da Coroa
 Sangue de Boi e Azulão
 João Congo e Patativa
 Pato, Jandaia e Gavião
 Martim Pescador e Ariri
 Cancão de Fogo e Gaivota
 Asa Branca e Colerê
 Sanhaço, Codorna, Paturi
 A Coruja e o Curiango
 Tucano, Tesoura e Anu
 Pardal, Bigodinho e Tiê
 Guaxo, Arara e Papagaio
 Colheirinha e Curicaca
 Garça Parda e Urubu
 Cambaxirra e Passo Preto
 O Marreco e o Sofrê
 o Peixe-Frito e o Vem-Vem
 Perdiz, Gavião da Serra
 Melro e Gavião Pinhém
 Fogo-Pagô, Beija-Flor
 João-Tolo, Pintassilgo
 Vem-Vem, Tiziu, Andorinha
 Gavião Pombo e Pavão
 Saíra-de-Sete-Cores
 o Curió e a Rolinha
 Mergulhão e Saracura
 Jaburu, Jaó e Sabiá
 Maria Preta e Jacu
 Maria Besta e Azulão
 Garça Branca e Zabelê
 Frango d'Água e Carcará

o pássaro

Desses, de alguns eu vi pouco
 E de outros, ainda menos
 E os bichos de quatro patas
 e os que se arrastam no chão
 quem sabe o que existia
 nesses mundos do sertão?

os bichos de quatro patas

Onça preta, tatu peba
 e outras classes de tatu
 cobra de todo o tipo:
 cascavel e caninana
 jararaca e urutu
 veado, anta e capivara
 mocó, queixada e teiú
 cotia e macaco prego
 soim, esquilo e calango
 camaleão, lagartixa
 lobo e ouriço-caixeiro
 raposa, cachorro-do-mato
 lontra e jaguatirica
 ariranha e siriema
 papa-mel, jaratataca
 guariba, sagui, mico-estrela
 e outros de rabo que há
 saruê, melete e ema
 (uai, entre os bichos de pêlos
 apareceu bicho de penas)
 tudo bem, e siriema
 raposão, tamanduá
 quati, paca e caititu.

o pássaro

(Assustado, interrogativo, temeroso de ouvir o que vai ouvir)
 E dentro das águas deste Rio São Francisco
 que vida que havia aqui?

o Caboclo d'Água, Mãe d'Água e o coro dos peixes

A Pescada e a Pirambeba
 a Piapara e o Pacu
 vivendo feliz da vida
 entre o verde e o azul do céu

Cobra-d'Água, Jacaré
 a Sardinha e o Sarapó
 Curimatá., Matrinchá
 e mais Dourado Cachorra
 e outros dourados do rio
 A família dos Piau:
 Piau-Jejo, Piau de Cheiro
 Piau Cavalo e Cari
 Rapadura, Pacamã
 Piau Cavalo e Surubim
 o Molão a Tartaruga
 Congó, Pescada e Mandim
 O rio fervia de gente
 pois peixe é o povo do rio
 um povo que foi minguando
 que foi morrendo, sumiu.

todos os seres (menos, claro, o Bicho-Homem, que ainda está por aparecer)

(Pela primeira vez, todos os seres se tocam e, depois, formam uma dupla fila ondulante, próxima, que se move, como se fosse o próprio rio. Isto pode ser feito com um longo pano azul ou verde, segurado pelos dois lados por todos os seres do rio. Eles se deslocam lentamente, enquanto cantam a “canção do São Francisco”).

O Pacu, a Piapara
 Matrinchá e Surubim
 Um rio desses tão bonito
 Não pode morrer assim!

Piapara e o Pacu
 Surubim e Matrinchá
 Um rio desses, tanta vida
 Tem que ter seu amanhã

Quando os seres do rio e dos matos terminam esses jograis, cantorios ou a mistura de tudo, eles deixam o pano do rio cair no chão, caminham lentamente pelo palco (ou pela rua) e voltam ao círculo, sempre aberto para o lado do público. Alguns sentam, outros se encolhem, outros deixam de um modo ou de outro. Cada um se imobiliza por momento em uma posição.

Sons da natureza. Águas do rio, vento, chuva, pios de pássaros misturados, sons de outros bichos. Vão diminuindo aos poucos, até o completo silêncio.

As luzes que incidiam sobre os seres vão apagando lentamente, junto com o sumir dos sons, até a completa escuridão. Mas, logo após, sem quase interrupção, uma luz triste, escurecida, foca um ser que vem entrando lentamente por um dos lados do palco. Ele caminha até o círculo. Olha os seus seres, imóveis. Depois, vem até a frente do palco, olha para a frente, descobre a cabeça de um longo manto escuro que ainda lhe cobre todo o corpo, até o chão, e começa a falar. Ele é o Bicho-Homem. Luzes clareiam apenas ele.

o Bicho-Homem

Será que eu preciso dizer quem eu sou? Acho que todos me conhecem. Será que eu mesmo me conheço?

Eu sou o Bicho-Homem. Um homem, mas um outro bicho. Um bicho como todos... mas homem. Eu sou o Bicho-Homem. Eu sou o homem!

Faz muito tempo. Faz um tempo que o tempo esqueceu de contar. Foi logo depois do começo de tudo.

(Ele se volta para os seres do círculo, vai até eles lentamente, olha-os por um momento e se volta para a platéia)

Quando eu cheguei neste lugar, nas barrancas deste rio de águas grandes, todos eles já estavam por aqui. Voavam pelos céus, corriam pelas matas, pelos cerrados, sem cercas, sem nomes, por esse sertões sem dono. Nadavam nas águas livres deste rio de todos.

Foi quando eu ainda não havia. Todos os seres existiam na sua liberdade, e a vida de tudo floria na vida de cada ser da vida. Todas as plantas, as ervinhas, as flores, as árvores, os arbustos, as sementes. Todos os bichos: os que moram dentro das frutas, dentro das árvores, dentro da terra, dentro das águas do rio, dentro das matas, nos ares do mundo, nos mares da vida... águas do rio de todos.

Foi quando eu apareci.

o Caboclo d'Água

(Ele dá um salto de seu lugar no círculo, fica ao lado do Bicho-Homem, olha para ele cheio de interrogâncias e diz bem alto, diante de todos da platéia:

E foi aí que tudo começou a desacontecer!

A Terra Mãe

E foi mesmo. E foi assim. Porque, antes de eu começar a desacontecer tudo no mundo, tudo era uma só e mesma múltipla vida diferente em mil milhares de seres sem nome. E o nome de cada um era a cor de seu vôo. Era o som de seu pêlo, era o pio de seu canto, era a fome de seu corpo e o amor de seu outro. Num tempo sem alfabetos, tudo era o saber do sentir. E uma mesma fonte de vida cobria a vida e a morte de cada um.

a Mãe d'Água

E antes de tudo começar a desacontecer, este rio de água presas, esse rio de beiras sem eiras era um longo rio de águas grandes. De grandes águas claras. Ele nascia pequenino no alto de uma serra e vinha empurrando as águas e multiplicando a vida dentro e fora de seu caminho. Viajava terras sem nome, sem cercas e sem placas até ficar grande, um largo rio da vida, livre, livre!, até chegar ao grande mar. E, depois, começar de novo, no fiozinho de onde nasce, a nascer de tudo outra vez! Esse era o rio das águas grandes, até tudo começar a desacontecer.

o Bicho-Homem

Mas isso não começou assim, de repente! Não foi não.

Pois eu mesmo, primeiro, fui um Bicho-Homem mais bicho do que homem. Eu até nem tinha nome. Fui peixe entre os bichos do chão, fui pássaro entre os peixes, fui peixe entre as aves. Fui planta, fui semente e semeava vida, como todos, por toda a parte. Meus primeiros nomes eram: “flor-da-manhã”, “fonte-das-águas”, “pássaro-azul”, “peixe-vermelho”.

Foi só há pouco que eu comecei a desaprender a ser. Ganhei vontade de ter. Aprendi o poder: mandar nos outros, ser senhor. Senhor do quê? Para ser isso tudo, fui deixando de ser irmão de mim. Quando fui esquecendo de ser um irmão do universo para virar um senhor do mundo. Sofri muito, mas fingi que não.

o Caboclo d'Água

(saltando do seu lugar e dando pulos pelo palco, a volta do Bicho-Homem).

Pois é! E daí veio tudo: o nome dos rios, um nome pra cada coisa, um montão de números pra dizer o que é de quem. E mais a cerca de arame, o muro de pedra. O guarda na porta. O desejo da posse. O machado de aço, a motosserra da morte, os grandes lagos de águas mortas, onde antes havia um rio que fluía. As águas roubadas do leito do rio. E pra quê? Se ainda fosse, como foi durante tanto tempo, pra pôr comida na mesa de quem plantou... Mas agora, cada vez mais é pra levar os frutos da terra pra longe. Pra dar comida de luxo a quem pode pagar. Pra fazer uns pouquinhos ficarem ricos, enquanto quase toda a gente das barrancas deste rio pena de fome. A areia da terra jogada dentro do rio. O rio morrendo de sede. As matas morrendo. O deserto do verde igual dos eucaliptos, onde antes havia o verde de todas as cores. Pra quê? Pra quem? Por quê?

(Aqui começa um diálogo em que se alternam o Bicho-Homem e todos os outros seres. O Bicho-Homem fica no meio de grupos dos seres, que se organizam em pequenos círculos ou pequenos amontoados de gentes a volta, uns mais longe, outros mais perto do Bicho-Homem.)

- o Bicho-Homem:** E então veio comigo ...
- a Terra Mãe:** o fogo, a fumaça, a queimada
- a Mãe d'Água:** que seca e mata o meu corpo
a desavença, a ambição
- o Caboclo d'Água:** o pesticida, o veneno
a floresta devastada
- a Alma do Mundo:** o machado e o facão
a barragem e a represa
a usina e o esgoto
o lixo e a poluição!
- o Bicho-Homem:** E então veio comigo?

- o coro dos peixes:** o anzol, a rede, a pesca
que primeiro deu comida
e depois fez ser dinheiro
o que foi um peixe-irmão.
- o Bicho-Homem:** E então veio comigo ...
- o coro dos bichos:** a armadilha, a espingarda,
o domínio e a maldade
a guerra e a morte, a traição.
a luta do homem contra tudo
contra a vida, contra o homem:
o poder no lugar da igualdade
o dinheiro onde havia amizade
e o ódio onde foi o coração.
- o Bicho-Homem:** Quis ser o bem ... fiz o mal.
quis ser irmão ... fui senhor
eu vim do ser para o ter
com o que descobri e inventei.
Fugi da paz e do amor
eu vim da alma da terra
para essa terra sem alma
que não era a minha herança
e que eu, o homem, criei.
- o coro de todos:** E essa agora é a nossa herança?
essa terra sem alma
transformada em negócio!
esse rio sem semente
transformado em dinheiro!
Essa mata sem verde
transformada em deserto!
Essa vida sem vida
transformada em poder!

(Todos voltam ao círculo original, tomam as posições imóveis, anteriores, as luzes vão diminuindo sobre todos. O Bicho-Homem, de pé, recobre todo o corpo e a cabeça com seu manto escuro e se imobiliza também. Um último foco de luz, incidindo sobre ele, vai-se apagando também. Silêncio e escuridão absolutos.)

(Depois de um breve momento de silêncio e escuro, focos de luz recaem sobre quatro figuras femininas: Mãe D'Água, Terra Mãe, Irmã da Vida e Alma do Mundo. Elas, que ficaram imóveis, de pé, formando um amplo quadro a volta do círculo dos Seres da Vida, simbolizando também os Quatro Elementos, começam a se mover lentamente, em direção ao imóvel e cabisbaixo Bicho-Homem. Na passagem, duas delas recolhem do chão o longo pano azul ou verde. Ao chegarem junto do Bicho-Homem (cuidado com ele!) elas retiram de seu corpo, a começar pela cabeça, o pano escuro que o recobria inteiramente. Ele fica de sunga apenas e, aos poucos, ergue a cabeça e vai olhando para cada uma delas. Elas o recobrem com o manto azul ou verde, deixando a cabeça de fora. Durante todo este tempo, em crescendo, ouve-se a "Canção do São Francisco" em solo de flauta doce e da violinha caipira de Josino Medina. A música instrumental vai decrescendo e fica baixinha, quando a Terra Mãe começa a falar.)

a Terra Mãe

Mas nós não estamos aqui?
 não estamos todas aqui:
 a Alma do Mundo, a Mãe d'Água
 a Irmã da Vida e eu, Terra Mãe?
 Mesmo sendo tão menos
 não estão aqui os seres da vida:
 as sementes de tudo: as plantas,
 as bichos da terra, os bichos do ar
 a os bichos do rio? e até o Bicho-Homem?

a Irmã da Vida

É verdade. É verdade!
 Vejam, Vejam todas: *(Ela vai pelo palco, apontando todos, cada ser. Volta, depois, para junto das outras.)*
 Estamos ainda todas aqui.
 A vida não acabou.
 Pobre, triste, devastada
 ao longo deste rio amado

a vida ainda está viva.
Ela somos todos nós
pulsando dentro do Rio
vivendo dentro de nós!

(Todos os Seres da Vida vão-se erguendo aos poucos. Eles se achegam, formando um círculo mais apertado, de gente mais junta. Caminham para perto do Bicho-Homem e cantam, começando baixinho, a “Canção do São Francisco”, acompanhados do flautista e de Josino Medina (com sua violinha caipira), que entram palco adentro.)

o coro dos seres

São Francisco, Franciscano
Ah, meu rio! Ah, meu irmão!
suas águas vão levando
o rio do meu coração.

São Francisco, Franciscano
Ah, meu rio! Ah, meu amor!
suas águas vão levando
minha vida, meu vapor.

(O coro se cala. Fica só o som instrumental da flauta e da violinha de Josino Medina, enquanto se fala o que se segue.)

a Mãe d'Água

E enquanto há vida
existe tanta Esperança.
enquanto uma de nós viver
tudo pode reviver de novo!

a Alma do Mundo

Tudo o que eu sou ainda pulsa
 em tudo, em cada uma de nós:
 na Flor, na Água, no Ar, no Fogo
 na Terra, nos Bichos e nos Bichos-Homens.
 Ainda há tempo, gente! Sempre é tempo!
 Vamos unir as nossas vidas
 vamos recriar a vida mais uma vez
 nesses campos, no cerrado, no sertão!
 nessas beiras do rio amado.
 Vida. Vida. Vida! Vida!
 Vida livre! Vida limpa! Vida Inteira!
 Vida Viva! Vida Viva!

o Caboclo d'Água

(Ele salta de seu lugar para a pontinha do palco, dá saltos alegres e grita.)

Olha aí, minha gente. Olha pra mim ... pra todos nós!
 Tudo o que nasceu é semente e pode renascer.
 Tudo o que foi semeado na origem pode voltar de novo
 pra casa da vida, pras águas do rio, pra alma do mundo!
 Mesmo o que está morrendo, como este Rio São Francisco
 pode ser vivo outra vez. Pode renascer como era... pode ser de novo!

(Neste momento, o som instrumental da “Canção do São Francisco” aumenta um pouco. Todos os do palco, menos o Bicho-Homem, todo coberto de azul ou verde, começam a se mover pelo palco, com alegria, apontando para si mesmos, para os outros seres do palco e para a plateia e dizendo, alternadamente, em solo, em duplas, ou todos do coro.)

todos os seres

E isto depende de mim. Depende de mim!
 Depende de mim! Depende de mim!
 Depende de nós. De cada um! De todos nós!
 De cada uma! De todas nós!

Depende de mim! Depende de nós!

(Os seres vão acabando, livremente, de falar e gritar isto, como numa festa, numa dança, numa cantoria. Eles se aproximam do Bicho-Homem e dos seres femininos. Dão as mãos uns aos outros, formando uma enorme Lua Nova ao redor deles.)

a Alma do Mundo

Que a minha alma esteja em tudo
que ela esteja em cada uma de nós.
Em cada um dos seres da vida deste rio
deste Rio das Águas Grandes
deste Rio São Francisco.
Que a Vida renasça em tudo mais uma vez!
Que cada grão... que cada ser da vida
faça sempre a sua parte. A sua parte!
E que a unidade infinita do amor de tudo
não morra aqui, neste rio de todas nós!

a Irmã da Vida

(Ela se volta para o Bicho-Homem, que assiste a tudo, mudo e imóvel. Toca em seu ombro.)
E que você, Bicho-Homem, nosso irmão
relembra a lenda de sua origem
e venha a ser com todas nós
de novo um Irmão da Vida!

o Bicho-Homem

(Ele se volta para todos os seres do palco, caminha lento. Toca alguns no ombro, no rosto, no peito, como se estivesse aprendendo a reconhecer. Depois, volta-se ora para eles, ora para a plateia)

Que eu seja de novo o Irmão da Vida!
Que eu volte à origem da lenda de onde eu vim!
Que eu aprenda a renascer

e volte a fazer, como vocês todas, minhas irmãs
 parte das águas claras, do ar cristalino
 da terra fértil, do fogo purificador
 do amor de tudo, da fonte da vida!

o coro de todos os seres

Você é um de nós!
 Venha ser de novo como nós!
 Você é um Irmão da Vida.
 Esqueça de ser Senhor do Mundo
 e volte a ser Irmão do Universo!
 Comece aqui, irmão Bicho-Homem:
 nesse Rio São Francisco!
 Semeie de novo o arvoredo do verde
 a pureza das muitas águas claras
 a multiplicação feliz de todos nós:
 os bichos da terra, do ar e da água.
 Venha, irmão Bicho-Homem.
 Ainda há tempo! Sempre é tempo!
 Agora, aqui! Todos juntos neste ...

o Bicho-Homem

(Interrompendo e completando o coro dos seres, na mesma toada, o coro dos bichos, que voltam a cantar a “Canção do São Francisco”, enquanto o Bicho-Homem fala.)

... Rio São Francisco. Rio da Vida!
 Rio das águas claras. Rio das Águas Grandes.
 Rio dos peixes, dos pássaros, rio dos bichos.
 Rio da vida devolvida à vida!
 Meu Rio São Francisco, Rio de meu amor!
 Meu rio de minha vida: São Francisco!

o coro de todos os seres

(Cantando lindo, enquanto o Bicho-Homem fala e depois de ele terminar, quando ele se une ao coro e canta também)

São Francisco, Franciscano
 Ah, meu Rio, ah meu irmão!
 Sua águas vão lavando
 o rio do meu coração.

São Francisco, Franciscano
 Ah, meu Rio de meu amor
 suas águas vão levando
 minha vida, meu amor.

São Francisco, rio diverso
 ora largo, ora fino
 suas águas vão tocando
 minha vida, meu destino.

O Pacu, a Piapara
 Matrinchã e Surubim
 Um rio deste tão bonito
 não pode morrer assim.

A Piapara, o Pacu
 Surubim e Matrinchã
 Um rio deste, tanta vida
 tem de ter seu amanhã.

(Outras quadras podem ser improvisadas.)

(Todos os seres da vida formam uma longa linha ondulante ou duas linhas, como um rio que navega sem fim, livre e feliz, enquanto dizem, ou cantam - dependendo de nossos músicos.)

o coro de todos (Bicho-Homem, convertido à vida, inclusive)

Aqui, minha gente. Aqui e agora.
 Venham, venham todos! Venham todas!
 Sempre é tempo! Sempre há vida!
 Todos nós e todas juntas:
 céu e terra, água e fogo

planta e bicho, bicho e homem
 neste Rio São Francisco
 Rio da Vida, Rio de todos
 Rio das águas livre, águas grandes
 águas claras, águas livres.
 Rio dos bichos, rio das plantas
 Rio da gente, Rio da Vida
 Rio da Vida renascida.
 Longa vida! Longa Vida:
 Nosso Rio São Francisco!

(Cantorio e algazarra geral. Todos saem de si e se abraçam, descem à platéia e trazem pessoas de lá para o palco (se é que há palco). Recomeça o coro completamente livre e provavelmente desafinado da “Canção do São Francisco”. (Mas enquanto se canta e se abraça, festeja-se a Vida. Ouve-se, num crescendo muito forte, a voz de Frei Chico, dizendo, em alto e bom som, partes do Cântico das Criaturas.)

Louvado sejas, meu Senhor
 com todas as tuas criaturas
 especialmente o senhor Irmão Sol
 que clareia o dia
 e com a sua luz nos alumia.

Louvado sejas, meu Senhor,
 pela Irmã Lua e as Estrelas,
 que no Céu formastes claras
 e preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,
 pelo irmão vento
 pelo ar, ou nublado
 ou sereno, e todo o tempo
 pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor,
 pela Irmã Água,
 que é muito útil e humilde
 e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelo Irmão Fogo
pelo qual iluminas a noite
e ele é belo e fecundo
e vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,
por nossa Irmã Terra,
que nos sustenta e governa
e produz frutos diversos
e coloridas flores e ervas.

E aqui se acaba a peça ... e aqui recomeça a vida.

notas finais

a primeira:

nos cantórios ou falatórios dos bichos, das árvores, dos peixes e das aves, estão escritos todos os nomes que foram sendo lembrado e ditos a mim durante a viagem. Pode ser que estejam faltando alguns. Seria bom consultar os originais de nosso Diário de Bordo. Se alguém se lembrar de outros, é só colocar na relação, rimando um pouquinho, se possível.

a segunda:

esta pequena peça em um ato, um quadro e um tempo é coletiva e instável. Ela pode ser completada, alterada, reduzida a cada tempo, em cada situação. É uma panela de doce, onde todo o mundo pode meter a colher. Até o final de nossa viagem, ela esteve aberta a todas as contribuições. De igual maneira, agora também ela segue assim. Como um rio sem fim, até depois do mar, ela flui em nós e entre todas nós. Paz e Vida!

Escrito a mão na Barca Barranqueira Manga, empurrada pelo Santa Helena ao longo do São Francisco, entre Minas Gerais e Bahia, nos dias 16, 17 e 18 de julho do ano de 1999.

Revisto inteiramente e reescrita nos altos da Rosa dos Ventos, no Sul de Minas, entre 5 e 8 de agosto de 1999, três dias antes do Eclipse de 11 de agosto, quando alguns cismaram de dizer que o Mundo vai acabar. Mas como? Se ainda falta tanta vida a viver... aqui, por toda a parte e no Rio São Francisco.



***Este escrito envolvem um livro meu
publicado pela Editora Fino Traço, de Belo Horizonte,
e mais uma pequena peça em um ato,
escrita durante viagem São Francisco rio-abaixo
Como todos os outros desta
e de outras sequências de escritos meus,
ele pode ser livre, solidária e gratuitamente acessado
para se lido ou utilizado de outras maneiras.
Quase tudo o que escrevi ao longo da vida
pode ser encontrado em
www.apartilhadavida.com.br
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***